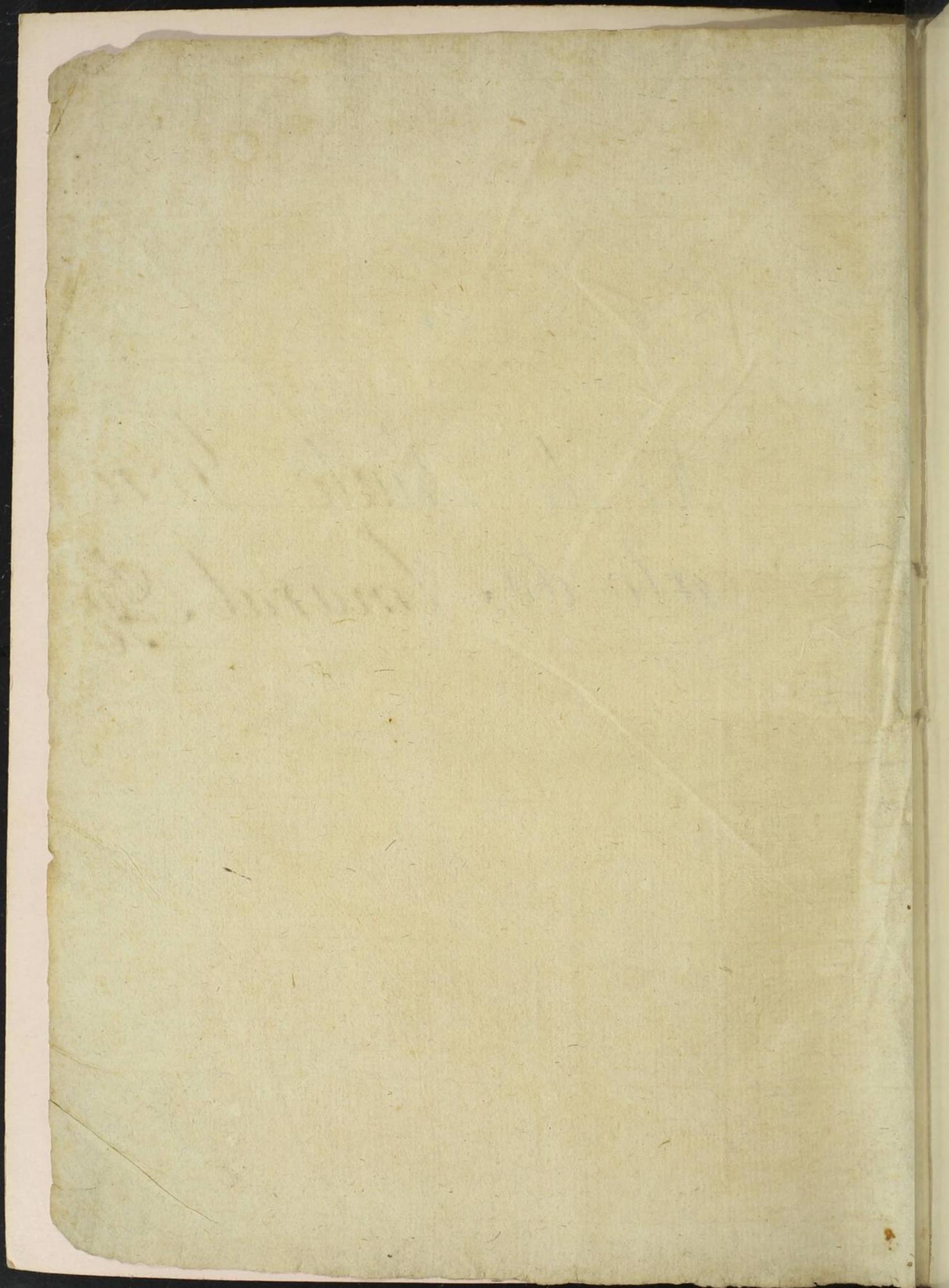


He de Paulo Gon
calo do Amaral *AG*



REVISED

THE HISTORY OF THE

ROYAL NAVY

FROM THE EARLIEST PERIODS

TO THE PRESENT TIME

BY

ADMIRAL LORD BRADSHAW

OF THE ROYAL NAVY

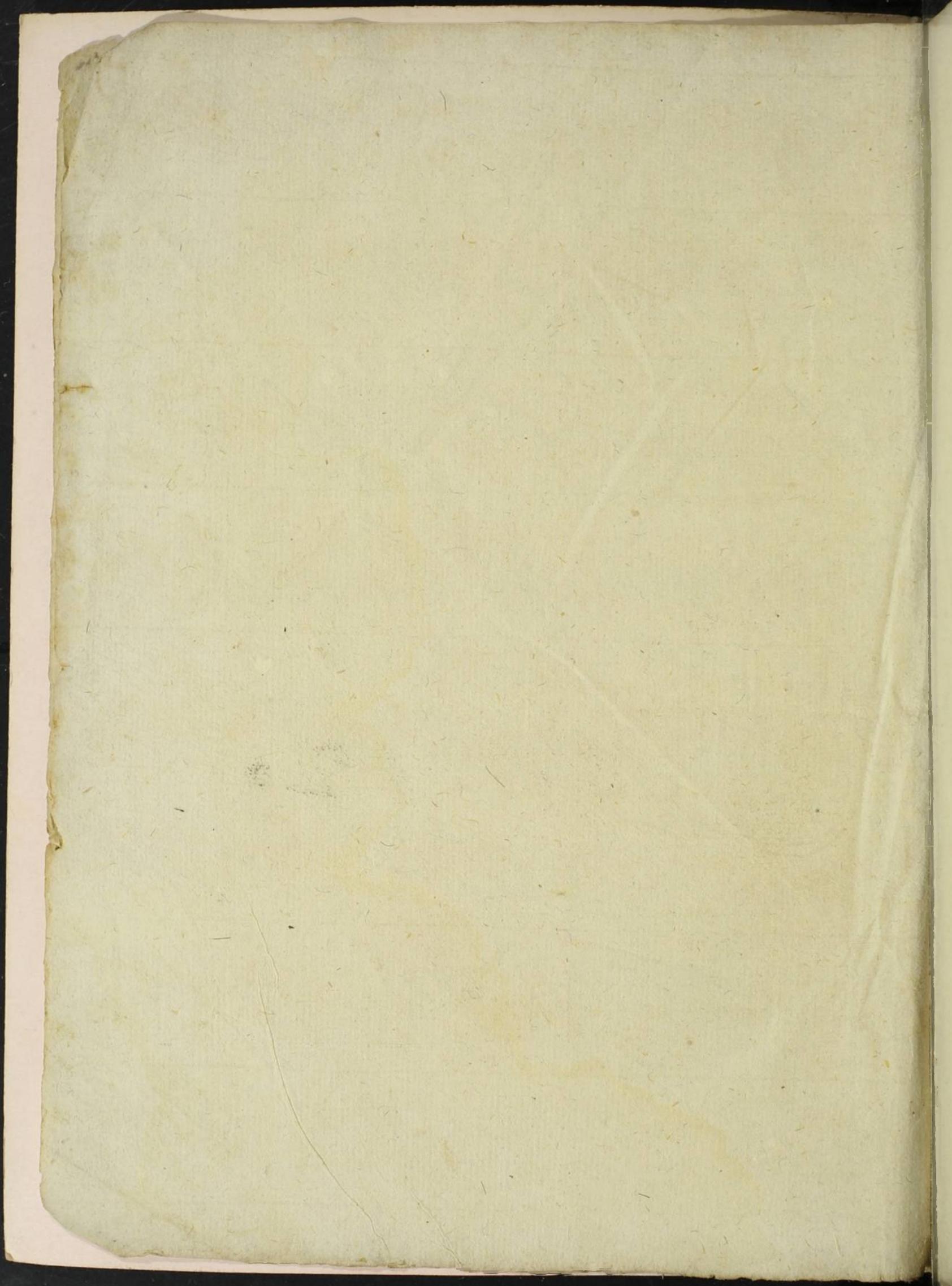
IN TWO VOLUMES

LONDON

LONDON

PRINTED BY RICHARD CLAY AND COMPANY

PRINTED BY RICHARD CLAY AND COMPANY



EXPOSIÇÃO
DOS
FACTOS, E MAQUINAÇÕES,
COM QUE SE PREPAROU A USURPAÇÃO
DA
COROA DE HESPAÑA,
E DOS MEIOS QUE O IMPERADOR DOS FRANCEZES TEM POSTO
EM PRATICA PARA REALIZA-LA.

ESCRITA EM HESPAÑHOL
POR
D. PEDRO CEVALLOS,
PRIMEIRO SECRETARIO DE ESTADO, E DO DESPACHO DE S. M. C.
FERNANDO VII.

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ,
*E publicada para desengano da Nação, e conhecimento da
detestavel Protecção Franceza.*



L I S B O A ,

NA NOVA OFFICINA DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

A N N O M. DCCC. VIII.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Casa da Gazeta.

THE PORTICO

D. O. S.

JACQUES E. MAQUINWAGERS

FOR THE TRIANGLE & BARRIERS

D. A.

COMPTON DE HESBIAUX

BY THE COURT OF CHANCERY FOR THE DISTRICT OF COLUMBIA

IN THE MATTER OF THE ESTATE OF

THE PORTICO

AND THE MATTER OF THE ESTATE OF

THE PORTICO

AND THE MATTER OF THE ESTATE OF

L. S. O. A.

MAQUINWAGERS

FOR THE TRIANGLE & BARRIERS

COMPTON DE HESBIAUX

BY THE COURT OF CHANCERY

QUANDO a Nação tem feito , e continúa a fazer os esforços mais heroicos para sacudir o jugo com que se pertendia reduzi-la á escravidão , todos os bons Cidadãos devem contribuir , do modo que lhes for possível , para illustrá-la sobre as verdadeiras causas que a conduzirão ao estado actual , e para a manter firmemente no nobre ardor que a anima.

Manifestar á Hespanha , e ao Mundo inteiro , os torpes meios de que se tem servido o Imperador dos Francezes para aprisionar ao nosso Rei Fernando VII., e avassallar a esta Nação grande e generosa , he hum objecto mui digno de quem , como eu , se acha no caso de o poder fazer , porque as circumstancias me pozerão em situação de ser testemunha dos successos , que precederão á catastrophe de Bayona , e me achei nella. Não me tem sido possível revelá-los antes por falta de liberdade , e por não haver reunido os documentos que devem justificar a minha exposição. Faltão todavia alguns , que foi preciso queimar , por assim o exigirem as arriscadas circumstancias em que tudo se podia temer ; outros desaparecerão por differentes combinações destes dias aziagos ; porém os que apresento são assás sufficientes para comprovar a atroz violencia

que se fez ao nosso amado Rei Fernando VII., e a toda a Nação.

Ainda que a conducta da Hespanha com a França desde a Paz de Basiléa, parte mui interessante da sua Historia Politica nestes ultimos tempos, está intimamente unida com os importantes acontecimentos, de que vamos a tratar nesta exposição, não ha para que nos demoremos em recorrer por miudo as suas épocas principaes. Bastará recordar o que toda a Nação, e a Europa inteira sabem, que o systema politico da Hespanha tem sido constantemente neste periodo conservar a amizade, e a melhor intelligencia com a França, e sustentar a todo o custo a ruinosa Alliança estipulada em 1796.

Para conseguir este fim não tem havido sacrificios de especie alguma que a Hespanha não tenha feito; e como a conservação do privado Principe da Paz no alto gráo de favor, que gozava ao lado do Senhor D. Carlos IV. descendia em grande parte da continuação deste systema, foi extremada a constancia, e exquisito o empenho em sustentá-lo. Esquadras, Exercito, dinheiro, tudo se sacrificava á França; humilhações, e condescendencias, tudo se soffria, tudo se fazia para satisfazer a insaciavel exigencia do Governo Francez, sem que se pensasse nunca em preservar a Nação das maquinações de hum alliado, que hia correndo a Europa como Conquistador.

Ape-

Apenas havia concluido o Tratado de Tilsit , em que aparentemente mostrou haver-se decidido em seu favor o destino do Universo , quando voltou seus olhos ao Occidente , e resolveo a ruina de Portugal , e de Hespanha , ou , o que vem a ser o mesmo , a senhorear-se desta vasta península , para fazer tão felizes a seus habitantes , como aos de Italia , Hollanda , Suissa , e Confederação do Rhin.

Já nesta época revolvía na sua mente o Imperador alguns designios funestos á Hespanha , pois pensou em começar a desarmá-la , exigindo hum Corpo respeitavel das nossas Tropas , para empregar o seu valor em regiões remotas , e interesses alheios. Consegui-o sem trabalho , e ficou á sua disposição hum luzido , e escolhido Exercito de 160 mil homens de todas as Armas.

A empreza de assenorear-se da Hespanha não era tão facil como imaginava Napoleão : sobre tudo era necessario buscar algum pretexto para pôr por obra o gigantesco , e atrevido plano de avassallar huma Nação amiga , e alliada , que tantos sacrificios havia feito pela França , e que o mesmo Imperador havia elogiado por sua fidelidade , e nobreza de character.

Sem embargo disto , acostumado a obrar com aquella falta de delicadeza na eleição dos meios , que he propria de quem imagina que a conquista do mundo inteiro , a devastação da especie humana , e o furor das armas podem conduzir á verdadeira gloria , se pro-

poz

poz fomentar a discordia entre a Familia Real de Hespanha , por meio do seu Embaixador nesta Corte.

Este , talvez sem estar iniciado no grande segredo de seu amo , procurou seduzir ao Principe de Asturias , agora nosso Rei e Senhor , e lhe suggerio a idéa de se desposar com huma Princeza parenta do Imperador. A oppressão que S. A. padecia por hum conjuncto de circumstancias tão lamentaveis como notorias , e o desejo de evitar outro casamento , a que o querião violentamente obrigar , com huma Senhora da eleição de seu maior inimigo , e que só por este titulo repugnava , o moverão a condescender com as suggestões do Embaixador ; porém com a modificação de que se prestaria a isso huma vez que fosse do agrado de seus Augustos Pais , por isso mesmo que deste modo se asseguraria mais e mais a amizade e alliança a esse tempo subsistentes entre as duas Coroas. Persuadido S. A. de humas razões tão poderosas aos olhos da politica , e cedendo ás instancias do Embaixador , escreveu neste supposto a S. M. I.

Poucos dias depois de se haver prestado o nosso amavel Principe a escrever esta carta , aconteceu a escandalosa prizão de sua Augusta Pessoa no Real Mosteiro do Escorial , e o escandalosissimo decreto que se fez Rubricar por ElRei , e se dirigio ao Conselho de Castella. Ha vehementes indicios para crer , que a mão desconhecida , que fez abortar aquella supposta conjura-

ração , fosse algum agente francez , com o objecto de levar adiante o plano que Napoleão se havia proposto.

Por fortuna a Nação Hespanhola estava mui penetrada da sua situação , tinha huma justa idéa da boa indole , e religiosa moralidade de seu Principe de Asturias , e logo suspeitou que tudo era huma calumnia armada pelo Privado , com tão grande absurdo como audacia , para sacrificar o unico obstaculo que então se oppunha ás suas vistas.

Verificada a prizão do Principe de Asturias , sabe-se que ElRei Pai escreveu ao Imperador , sem dúvida por suggestão do Privado , queixando-se da conducta do Embaixador *Beauperinois* , nas suas relações clandestinas com o Principe de Asturias , e estranhando que o Imperador não obrasse de acordo com S. M. em materia de tanta consequencia entre Soberanos.

Como a prizão do Principe de Asturias , e sobretudo o escandalosissimo Decreto fulminado contra a sua Real Pessoa , produzirão hum effeito inteiramente contrario ao que esperava o Privado , chegou este a intimidar-se , e julgou conveniente retroceder , e fazer-se mediador para a reconciliação entre os Reis Pais , e o Filho. Para este effeito consta pelo resumo da causa do Escorial , publicado pelo Conselho de ordem de S. M. em 8. de Abril , que forjou humas cartas , e fez que na sua prizão as assignasse o Principe de Asturias , as quaes postas nas mãos dos Reis Pais , se figurou terem

rem enternecido o seu coração. Por este singularissimo modo obteve o innocente Principe a sua apparente liberdade.

Neste estado se achavão as cousas quando chegou ao Real sitio do Escorial hum correio francez portador de hum tratado concluido e assignado em Fontainebleau a 27 de Outubro por D. Eugenio Izquierdo como Plenipotenciario de S. M. C., e o Marechal *Duroc* em nome do Imperador dos Francezes. O seu conteudo, e o da Convenção separada são como se vê nos Numeros I. e II. dos Documentos Justificativos que se juntão como continuação desta exposição.

He muito para notar que de nenhum dos passos dados por D. Eugenio Izquierdo em París, como assim mesmo da sua nomeação, Correspondencias, Instrucções e outros manejos, havia a menor noticia no Ministerio de Estado do meu Cargo.

O fim deste Tratado foi apoderar-se o Imperador com mui pouco custo do Reino de Portugal; ter hum motivo plausivel para introduzir seus Exercitos na nossa Peninsula com o objecto de a dominar a seu tempo; e tomar immediatamente a Toscana.

O Privado adquiria por sua parte os Algarves, e o Alem-Téjo em toda a sua propriedade, e soberania; porém dependia ainda da resposta do Imperador ás cartas d'ElRei; ignorava-se absolutamente qual ella seria, e isto o tinha cheio de cuidados e temores.

As relações íntimas que a esse tempo tinha o Privado com o Grão Duque de Berg , por via do seu confidente Izquierdo , o lisongeavão de que tudo se comporia á medida do seu desejo , ainda que fosse necessaria a intervenção de alguns milhões. Porém o Privado , e o seu confidente não conhecião as verdadeiras intenções das personagens com quem tratavão em París. Com effeito , logo que o Imperador vio compromettido o Privado , e desacreditados os Reis Pais , não quiz responder ás Cartas de S. M. , com o fim de os ter irresolutos , e talvez de infundir-lhes terror , para que projectassem alguma fuga , ainda que então não tinha tomado bem todas as medidas necessarias para se aproveitar della.

O Grão Duque , escreveu ao Privado , que poria todos os meios para o soste ; porém que o negocio era muito delicado attendidas as considerações do extraordinario amor que se tinha em Hespanha ao Principe de Asturias , e os respeitos de huma Princeza sobrinha da Imperatriz , e achando-se mettido neste negocio o Embaixador *Beaubarnois* seu parente. (1)

Então foi quando o Privado começou a conhecer claramente o muito que decahia o seu credito , e se julgou perdido faltando-lhe o apoio de seu imaginado pro-

B

te-

(1) Tudo isto consta da correspondencia do Privado com o Grão Duque , arrancada por este da Secretaria d'Estado durante o seu Governo.

tector o Imperador dos Francezes. Não houve então meio que deixasse de tentar para ganhar mais e mais a boa vontade do Grão Duque de Berg. Expressões, differenças, tudo se pôz em prática; e para melhor conjurar a tempestade imminente, fez que os Reis Pais escrevessem directamente ao Imperador, pedindo-lhe huma sobrinha sua para casalla com o Principe de Asturias.

Entre tanto que isto succedia, mostrou o Imperador dos Francezes, estar muito desgostoso dos manejos de Izquierdo, e o apartou de seu lado, para cortar deste modo a communicacão directa, e fazer-se mais impenetravel.

Verificou S. M. I. a sua viagem á Italia com o apparatus que toda a Europa sabe, e deo-lhe tal importancia, que se devia julgar hia a fixar o destino do Universo. Porém he de suspeitar que na realidade não teve outro objecto que o de chamar alli a attenção para allucinar as gentes, em quanto as suas vistas se dirigião á invasão de Portugal, e da Hespanha.

Não chegou porém a tanto esta artificiosa dissimulação, que não descobrisse com ella hum artigo do Tratado secreto de Fontainebleau, exterminando da Toscana a Rainha Regente, e seus Filhos do modo mais repentino, e despojando o Palacio Real, e todas as caixas públicas de huma Corte, que ignorava o Tratado, e não tinha commettido por isso mesmo nenhuma traição, ou aleivosia.

Em

Em quanto o Imperador tinha suspensa a Europa com a sua viagem de Milão e Veneza, julgou acertado responder a tres cartas, que lhe levava já escritas ElRei Pai, e assegurou a S. M. não ter tido a menor noticia de quanto lhe havia communicado ácerca de seu filho o Principe de Asturias, nem tinha recebido já mais Carta alguma de S. A. (1). Não obstante consentia S. M. I. no proposto casamento com huma Princeza da sua Familia, com o objecto sem dúvida de entreter aos Reis Pais, em quanto fazia marchar para a Hespanha, debaixo de pretextos apparentes, todas as Tropas, de que a esse tempo podia dispôr, e fazia espalhar mui de proposito a voz, de que favorecia a causa do Principe de Asturias, procurando deste modo captar a vontade geral da Nação Hespanhola.

Preoccupados os Reis Pais do terror que lhes inspirava a condueira do Imperador, e ainda mais preocupado o Privado, nenhum obstaculo pozerão á entrada das Tropas Francezas nos seus Estados, mas antes derão as ordens mais efficazes, para que fossem recebidas, e tratadas melhor que as Hespanholas.

O Imperador, debaixo do pretexto da seguridade das mesmas Tropas, mandou a seus Generaes que por

B ii

von-

(1) Coteje-se esta asserção com a copia da Carta de S. M. I. a ElRei Fernando (N.º III.) em que diz ter em seu poder a Carta que lhe escreveu o Principe de Asturias por inducção do Embaixador *Beauharnois*.

vontade, ou por força se assenhoreassem das Fortalezas de Pamplona, S. Sebastião, Figueiras, e Barcelona, como unicas que podião offercer obstaculos a huma invasão. Com effeito forão tomadas por surpresa, e engano, ainda que affectando sempre sentimentos de amizade, e alliança, com escandalo, e desgosto de toda a Nação.

Senhor já, a seu parecer, o Imperador de toda a Hespanha, e julgando ser já chegado o tempo de apressar as suas medidas, achou conveniente escrever huma Carta a ElRei Pai, accusando a S. M. em tom aspero por não lhe ter renovado a petição de huma Princeza Imperial para seu Filho o Principe de Asturias. El-Rei houve por bem responder-lhe, que ratificava o mesmo que tinha dito, e estava prompto para que se verificasse o casamento.

Faltava sem dúvida algum passo importante para levar o projecto a hum gráo de madureza conveniente; e o Imperador não querendo fia-lo da penna, imaginou que não podia lançar mão de melhor instrumento que de D. Eugenio Izquierdo, a quem tinha em París no maior abatimento, e cheio de hum terror que artificialmente lhe tinha sabido inspirar, para desempenhar a commissão de infundir o mesmo terror aos Reis Pais, e ao Privado.

Sem demora mandou o Imperador a Izquierdo que viesse a Hespanha; o que executou com precipitação,

ção , e mysterio. Segundo as suas relações verbaes , elle não trazia proposição alguma por escrito , nem devia levá-la , e tinha ordem de não se demorar mais de tres dias.

Assim foi com effeito chegado a Aranjuez conduzio o Privado á presença dos Reis Pais , e as suas sessões forão tão secretas , que ninguem pode penetrar o objecto da sua vinda. Porém mui pouco tempo depois da sua partida desta Corte se começou a descobrir a resolução de SS. MM. de abandonar a Capital , e a península , e passarem ao México.

O recente exemplo de huma semelhante resolução , que havia tomado a Familia Real de Portugal , parecia haver enchido as vistas do Imperador ; e he de crer , que S. M. I. se promettia igual exito em Hespanha.

Porém era necessario não conhecer o caracter Hespanhol , para deixar-se lisongear desta esperança. Effectivamente , apenas se divulgou a noticia de que SS. MM. pensavão abandonar a sua residencia , o que annunciavão evidentemente muitos preparativos e disposições , quando logo o descontentamento , e o temor se virão pintados com viveza nos semblances de todas as pessoas da Corte , e de todos os individuos de todas as classes. Isto só bastou , para que SS. MM. fizessem desmentir a voz que corria a este respeito , e assegurassem ao Povo , que não o abandonarião.

Sem

Sem embargo disso, era tal a desconfiança geral, tão enorme a grandeza dos males que se devião seguir, e taes, e tantos os symptomas da resolução de se ausentarem, que todos vivião áleria, e conhecião a necessidade de impedir huma medida tão cheia de inconvenientes. Cresceo o perigo, crescerão os temores do público; e á maneira de huma explosão inesperada succederão repentinamente os movimentos de Aranjuez a 17 e 19 de Março; nos quaes o Povo foi conduzido por huma especie de instincto da sua conservação, e cujo resultado foi a prizão do Privado, que sem o titulo de Rei havia exercido, por assim dizer, exclusivamente, e por muitos annos as funções de Soberano.

Apenas se vio verificada esta estrepitosa cahida, quando os Reis Pais, vendo-se sem o apoio do seu favorito, tomarão a inesperada e espontanea resolução, a que estavam determinados havia algum tempo, de abdicar a sua Corôa como com effeito a abdicarão, em seu Filho, e Herdeiro o Principe de Asturias.

Ignorando o Imperador este successo repentino, e não suspeitando mesmo que os Hespanhoes fossem capazes de semelhante resolução, havia mandado ao Principe Murat que marchasse com o seu Exercito para Madrid, na supposição de que a Familia Real estaria já prompta onde devia embarcar-se, e que longe de encontrar o menor obstaculo nos Povos, o receberião todos com os braços abertos como a seu libertador e

An-

Anjo tutelar. Suppunha que a Nação vivia summamente descontente do seu Governo, e não comprehendia que só o estava dos abusos, e má administração.

Logo que o Grão Duque de Berg soube do que tinha acontecido em Aranjuez, resolveo adiantar-se com todo o seu Exercito a occupar a Capital do Reino, com animo sem dúvida de aproveitar-se da occasião, e tomar o partido que melhor conviesse para realisar por qualquer meio o plano de assenhorear-se da Hespanha.

Entre tanto, a mysteriosa obscuridade dos projectos do Imperador, a proximidade de suas Tropas, e a ignorancia em que se estava ácerca do verdadeiro objecto da sua vinda, determinárão a ElRei Fernando VII. a tomar aquellas medidas de conciliação que parecerão a proposito a S. M. para ganhar a benevolencia do Imperador. Não julgando bastante haver-lhe dado parte da sua exaltação ao Throno, em termos os mais amigaveis e expressivos, nomeou ElRei huma Deputação de tres Grandes de Hespanha para que passasse em seu Real Nome a Bayona a complimentar a S. M. I.; e nomeou igualmente outro Grande de Hespanha, para que fizesse hum semelhante cumprimento ao Grão Duque de Berg, que a esse tempo se achava nas visinhanças de Madrid.

Huma das maquinações que puzerão immediatamente em pratica os agentes francezes, foi o segurar ElRei, e divulgar por todas as partes que S. M. I. es-

tava a chegar por momentos a esta Capital. Com este motivo se derão as disposições convenientes para preparar em Palacio hum alojamento correspondente á dignidade de tão Augusto hospede, e ElRei escreveu novamente ao Imperador manifestando-lhe quanto lhe seria agradavel conhecello pessoalmente, e poder-lhe assegurar de palavra os seus ardentes desejos de consolidar mais e mais a amizade, e alliança que subsistião entre ambos os Soberanos.

O Grão Duque de Berg fez entre tanto a sua entrada em Madrid á testa das suas Tropas. Apenas se informou do estado das cousas, começou a semear a discordia, fallando artificiosamente da abdicção da Corôa feita por ElRei Pai a favor de seu Filho em meio do tumulto de Aranjuez, e dando a entender que em quanto o Imperador não reconhecesse a Fernando VII. lhe era impossivel a elle fazer demonstração alguma de reconhecimento, e se via precisado a tratar só com El-Rei Pai.

Não deixou esta especie de produzir o effeito que se propunha o Grão Duque. Noticiosos della os Reis Pais aproveitarão esta circumstancia para salvar ao Privado, que se conservava em prizão, e em cujo favor mostrou interessar-se o Principe Murat, sem outro objecto que o de lisongear a SS. MM., por isso mesmo que favorecia o partido contra Fernando VII., e semear de novo a discordia entre os Pais e o Filho.

Nes-

Nesta situação de cousas fez o novo Rei a sua entrada pública em Madrid, sem mais apparato nem ostentação que o numerosissimo concurso de todo o povo da Corte, e da Comarca, e os extremos de amor, e lealdade, os vivas, e acclamações do pasmoso enthusiasmo de todos os seus vassallos: scena verdadeiramente grande, e terna, em que se vio o Joven Rei, qual Pai em meio de seus filhos, entrar na sua Capital, como Regenerador e Anjo Tutelar da Monarquia.

Foi testemunha desta scena o Duque de Berg, e longe de abandonar o seu Plano, se propoz levá-lo adiante com maior empenho. O Ensaio feito com os Reis Pais havia produzido o desejado effeito; porém em quanto estivesse á vista o adorado Rei, que subia ao Throno com tão bons auspicios, não era possível realisar este plano. Por isso todo o seu esforço foi trabalhar por separar a Fernando VII. de Madrid.

Para o conseguír espalhava o Grão Duque a cada instante a noticia da chegada de hum novo Correio com os avisos da sahida do Imperador de París, e da sua proxima chegada a esta Corte. Primeiro tomou o empenho de que sahisse o Senhor Infante D. Carlos a receber a S. M. I., no supposto de que ao segundo ou terceiro dia de jornada o encontraria; com isto condescendeo S. M. possuido das mais puras, e beneficas intenções. Apenas conseguiu a sahida do Senhor Infante, manifestou vivissimos desejos de que ElRei fizesse

o mesmo , e não houve meio de que se não valesse para obrigar a S. M. a decidir-se , prometendo que este passo teria os resultados mais felizes para ElRei , e para todo o Reino.

Ao mesmo tempo que o Grão Duque de Berg , o Embaixador , e todos os Agentes Francezes trabalhavam para este fim , manobravão por outro lado com os Reis Pais para lhes arrancar huma formal Protestação contra a abdicação da Coroa feita espontaneamente a favor de seu Filho , e herdeiro legitimo com as solemnidades costumadas.

Instado urgentemente ElRei para que sahisse ao encontro ao Imperador , lutava S. M. entre a necessidade de ter huma condescendencia com o seu alliado , de que lhe promettião tão vantajosos resultados , e o desejo de não abandonar ao seu leal , e amado Povo em tão criticas circunstancias.

Nesta espinhosa situação , posso dizer de mim ter sido o meu constante dictame ; como Ministro d'ElRei , que S. M. não sahisse da sua Corte , senão quando tivesse noticia segura , de que o Imperador , dentro já de Hespanha , se avisinhava a Madrid ; e que só então fosse a mui curta distancia , para não pernoitar fóra da sua Corte.

S. M. susteve por alguns dias a resolução de não sahir de Madrid antes de ter avisos certos , de que o Imperador se avisinhava , e provavelmente assim o teria
fei-

feito, se a chegada do General Savary não tivesse augmentado muito mais pezo ás multiplicadas instancias do Grão Duque, e do Embaixador Beauharnois.

Annunciou-se logo o General Savary como Enviado do Imperador; e nessa qualidade pediu huma audiencia a S. M., que lhe foi immediatamente concedida. Nella manifestou que elle vinha da parte do Imperador para cumprimentar a ElRei, e saber de S. M. unicamente se os seus sentimentos a respeito da França erão conformes aos de ElRei seu Pai; em cujo caso o Imperador prescindia de tudo quanto havia acontecido, não se entrometteria em cousa alguma do interior do Reino, e reconheceria desde logo a S. M. por Rei de Hespanha, e das Indias.

Recebida por Savary huma resposta a mais satisfatoria, manifestou a sua satisfação em termos tão lisonjeiros, que nada restava a desejar; e terminou-se a Audiencia assegurando elle por sua parte, que o Imperador deveria ter já sahido de París, e estaria mui perto de Bayona, para se dirigir a Madrid.

Apenas se despedio este Emissario, começou a fazer as mais vivas diligencias para decidir S. M. a que sahisse ao encontro do Imperador. Assegurava que este obsequio seria mui lisonjeiro e grato a S. M. I.; e protestou tão positiva, e repetidamente, que o Imperador estava para chegar por momentos, que foi forçoso dar crédito ás suas palavras. Era com effeito mui

difficil suspeitar ao menos , que viesse determinada-
mente a enganar hum General Enviado de hum Impe-
rador.

ElRei cedeo em fim a tantas instancias , e tão li-
sonjeiras esperanças , e seguridades ; e o amor a seus
vassallos , o ardente desejo de fazer a sua felicidade ,
pondo fim a esta terrivel crise , triunfarão em seu ge-
neroso coração de toda a repugnancia , e temor.

Chegou o dia assignalado para a sahida d'ElRei ;
e o General Savary , mostrando apparentemente o maior
zelo , e interesse por S. M. , manifestou desejar a hon-
ra de o acompanhar na sua viagem , que poderia ser o
muito até Burgos , segundo as noticias , que dizia aca-
bava de receber , da aproximação do Imperador.

Em quanto durava esta ausencia , que se suppu-
nha de mui poucos dias , deixou ElRei estabelecida
em Madrid huma Junta Suprema de Governo , com-
posta dos Secretarios d'Estado , e Presidida por seu
Tio o Senhor Infante D. Antonio , para que cuidasse
dos Negocios urgentes do Governo.

Seguiu o General Savary a ElRei em hum coche
separado até Burgos ; e como não estivesse alli o Im-
perador , se empenhou com todo o esforço , em que S.
M. continuasse a sua viagem ao menos até Vitoria.
Houve então varios debates sobre o partido que devia
tomar-se ; porém o artificio , e a perfida lutavão contra
a honra , a innocencia , e a boa fé ; e em luta tão des-
igual ,

igual, as mesmas beneficis intencões, que havião arrebatado a ElRei da sua Corte, o arrastarão até Vitoria.

Bem persuadido o General Savary de que S. M. estava resolvido não passar mais adiante, continuou a sua viagem até Bayona, sem dúvida com o designio de informar o Imperador de tudo, e obter huma Carta, que decidisse ElRei a separar-se de seus Povos.

Recebeo S. M. em Vitoria a noticia de que o Imperador tinha chegado a Burdeos, e se encaminhava a Bayona; com esta noticia o Senhor Infante D. Carlos, que estava esperando em Tolosa, se poz em caminho para Bayona, convidado pelo Imperador, que ainda tardou em chegar alguns dias.

Nada particular occorreo em Vitoria, senão que havendo dado parte a Junta Suprema do Governo de Madrid, de que o Grão Duque de Berg exigia imperiosamente a liberdade, e entrega do Privado, S. M. não teve por bem acceder a tal requisição, fazendo-o saber á Junta do Governo, para que tivesse entendido, que não devia entrar em contestação com o Grão Duque sobre a sorte do prezo (1).

En-

(1) Todos sabem que o prezo foi por fim entregue aos Francezes, e conduzido por elles com escolta a Bayona. Esta entrega se fez só por ordem da Junta do Governo, cedendo ás circumstancias imperiosas, e ás peremptorias ameaças do Grão Duque, como mais largamente se manifesta no Apendix que acompanha este escrito.

Entretanto combinou o General Savary com o Imperador o meio que devia pôr-se em prática para dar o ultimo golpe ; e em quanto as Tropas Francezas , que se achavão nas visinhanças de Vitoria , fazião (segundo se soube depois) alguns movimentos suspeitosos , se apresentou naquella Cidade com a Carta do Imperador (N.º III.) para S. M.

A's expressões pouco decorosas , e não muito lisonjeiras desta Carta , ajuntou Savary taes , e tantas protestações do interesse que tomava o Imperador por S. M. , e pela Hespanha , que chegou a dizer : „ Eu „ offereço a minha cabeça se hum quarto de hora de „ pois de ter chegado S. M. a Bayona , não for re- „ conhecido pelo Imperador , como Rei de Hespanha , „ a das Indias. Para suster o seu empenho começará „ provavelmente dando-lhe o tratamento de Alteza ; „ porém cinco minutos depois lhe dará Magestade „ e aos tres dias estará tudo regulado , e S. M. poderá restituir-se a Hespanha immediatamente. „

Vacilou não obstante ElRei sobre o partido que deveria tomar ; porém desejoso de sahir do empenho em que estava já constituido , e ainda mais que tudo de tirar a seus amados Vassallos da cruel inquietação , em que se achavão , fechou o seu coração a todo o temor , e os seus ouvidos aos meus conselhos , e aos de alguns outros sujeitos da sua comitiva , não menos que aos clamores daquelle leal Povo , e determinou passar

sar a Bayona, não podendo conceber seu Real animo, que hum Soberano seu alliado o quizesse hospedar para o aprisionar, e para acabar com huma dynastia, que lonje de o haver já mais offendido, lhe tinha dado provas tão relevantes de amizade.

Apenas poz ElRei os pés no territorio de França, notou S. M. que ninguem sahia a recebê-lo, até que chegando a S. João da Luz se apresentou o Maire, com toda a municipalidade: parou o coche, e fallou a S. M. com as mais vivas demonstrações de júbilo que o animavão, por ser o primeiro que tinha a honra de receber a hum Rei amigo, e alliado da França.

A poucos passos se encontrou a deputação dos tres grandes de Hespanha, que lhe vinhão sahir ao encontro; e a sua explicação a respeito das intenções do Imperador não foi a mais lisonjeira. Sem embargo disto a proximidade em que se achava de Bayona, não dava já lugar a mudar de rumo, e continuou-se a viagem.

Sahirão ao encontro d'ElRei o Principe de Neufchatel, e o Marechal de Palacio Duroc, com huma partida da Guarda de honra, que os Bayonezes tinham armado para serviço do Imperador, e convidarão a S. M. para que entrasse em Bayona, onde lhe estava preparado o seu alojamento. Este pareceo a todos, e era na realidade, mai pouco conforme ao decoro do Augusto Hospede, que o devia occupar: descuido assás

notavel , e significativo , que fazia huma extraordinaria differença da magnificencia , e esmero que ElRei havia empregado , no que tinha preparado em Madrid ao seu Alliado.

Extasiado ficou S. M. vendo hum recebimento tão pouco para esperar , quando o avisarão que vinha o Imperador a visitá-lo. Chegou com effeito S. M. I. acompanhado de muitos Generaes : desceo ElRei a recebe-lo até á porta da rua , e alli se abraçárão ambos os Monarchas com demonstrações de affecto , e amizade. Deteve-se o Imperador hum breve espaço com S. M. , e se despedio renovando os abraços.

Pouco tempo depois veio o Marechal Duroc convidar a ElRei a jantar com S. M. I. , cujos coches devião vir conduzir S. M. ao Palacio de Marrac , e assim se verificou. Desceo o Imperador a receber a ElRei ao estribo do coche , abraçou-o , e o conduzio pela mão á sua habitação.

Apenas ElRei voltou á casa da sua residencia , se lhe apresentou o General Savary para communicar a S. M. que o Imperador havia determinado irrevogavelmente que não reinasse em Hespanha a dynastia de Borbon , e que em seu lugar lhe succedesse a sua ; para o que queria S. M. I. que ElRei renunciasse per si , e por toda a sua Familia a Coroa de Hespanha , e de suas Indias , a favor da dynastia de Bonaparte.

Não he facil pintar a surpresa que experimentou o
Real

Real animo de S. M., e o assombro que perturbou todos os sujeitos mais chegados á sua Real Pessoa ao ouvir semelhante proposição. Ainda não tinha bem descansado ElRei das fadigas da sua penosa viagem, quando o mesmo homem que o tinha enchido de seguridades em Madrid, e pelo caminho; que o havia arrancado da sua Corte, e do seu Reino para regular em Bayona pontos importantes aos dous Estados, e ser reconhecido por S. M. I., tem a ousadia de ser elle mesmo o mensageiro de huma proposição tão escandalosa.

No dia seguinte fui chamado pelo Imperador ao seu Real Palacio, onde me esperava o Ministro das Relações exteriores Mr. de Champagni, para discutir as proposições apresentadas verbalmente pelo General Savary. Desde logo me queixei da perfidia, com que se procedia em tão importante negocio: expuz que ElRei meu Amo tinha vindo a Bayona fiado na segurança, que em nome do Imperador lhe havia protestado o General Savary, estando presentes os Duques do Infantado, e de S. Carlos, D. João Escoiquiz e eu, de que S. M. I. o reconheceria no momento que se verificasse a entrevista dos dois Soberanos no Palacio Imperial de Marrac: que quando S. M. esperava ver realizado o offerecido reconhecimento, havia sido surpreendido com as mencionadas proposições; e que S. M. me tinha authorizado para protestar contra a violencia

D que

que se fazia á sua Pessoa , não lhe permittindo voltar a Hespanha ; e para responder ás solicitações do Imperador categorica , e terminantemente , que ElRei não podia , nem devia renunciar a sua Coroa a favor de outra dynastia , sem faltar ao que devia a seus Vassallos , e á sua propria reputação ; que tão pouco o podia fazer em prejuizo dos individuos da sua Familia , chamados neste caso pelas Leis fundamentaes do Reino ; muito menos podia condescender em que Reinasse outra dynastia , que só deveria ser chamada ao Throno pela Nação Hespanhola , em virtude dos direitos originarios , que tem para eleger outra Familia , logo que se extingua a que actualmente Reina.

Insistio o Ministro das Relações exteriores na pertinência da dita Renuncia ; allegando , que a que tinha feito Carlos IV. em 19 de Março , não havia sido espontanea.

Manifestei então a minha estranheza , de que se solicitasse d'ElRei a Renuncia da sua Coroa , ao mesmo passo que se defendia não haver sido livre a de seu Augusto Pai. Podéra , disse eu , escusar-me de entrar nesta discussão , por não reconhecer no Imperador a menor authoridade , para se embaraçar em negocios , que são puramente domesticos , e peculiares do Governo Hespanhol , seguindo neste caso o exemplo do Gabinete de París , quando desprezou como incompetentes as Reclamações de S. M. ElRei Pai a favor

vor do desgraçado Luiz XVI. seu alliado, e Primo Co-irmão.

Não obstante, quiz todavia dar á verdade, e á innocencia hum testemunho, que só ella tinha direito para o exigir de mim; e continuei dizendo, que três semanas antes do movimento de Aranjuez, ElRei Carlos IV. na minha presença, e de todos os outros Ministros do Despacho tinha dito a S. M. a Rainha: „Ma-
„ria Luiza, retirar-nos-hemos a huma Provincia, vi-
„viremos tranquillos, e Fernando, que he moço, car-
„regará com o pezo do Governo. „

Fiz-lhe ver, que nos dias 17, 18, e 19 de Março nenhuma violencia se tinha feito a S. M. para a abdicção da Coroa, nem pelo Povo, commovido unicamente pelo sentimento, de que S. M. se ausentasse para Sevilha, e dalli para a America, nem por parte de seu Filho o Senhor Principe de Asturias, nem por outra alguma pessoa; do que estavam bem persuadidos assim os Ministros do Corpo Diplomatico, como as pessoas da Corte, pois huns e outros tinham felicitado, e cumprimentado ao novo Soberano, á excepção do Embaixador de França, que pretextou não estar authorizado com as competentes Instrucções, sem reparar no exemplo dos seus Collegas, que tambem as não haviam recebido das suas respectivas Cortes.

Conclui finalmente provando por consequencia, que a Renuncia d'ElRei Pai não havia sido outra cousa,

que o resultado da predilecção que S. M. tinha por huma vida tranquilla e privada , e da persuasão em que estava , de que as suas forças , diminuidas pela idade , e por molestias , erão insufficientes para supportar o pezado cargo do Governo.

Desvanecida esta impertinente objecção , me disse o Senhor Champagni , que o Imperador não podia estar seguro da Hespanha no caso de huma Guerra contra as Potencias do Norte , em quanto a Nação Hespanhola estivesse governada por huma dynastia possuida do sentimento de ver despojado o seu ramo primogenito da Monarquia de França.

Respondi , que semelhantes prevenções em huma ordem regular de cousas já mais prevalecem contra o interesse dos Estados ; e que a conducta politica de Carlos IV. desde o Tratado de Basiléa era huma recente prova , de que os Soberanos não se mettem nos interesses de familia , quando estes estão em contradição com os de seus Reinos : que a amizade entre a Hespanha , e a França estava escorada em interesses locais e politicos : que a situação topografica dos dois Reinos bastava por si só para demonstrar quanto importava á Hespanha viver em boa intelligencia com a França , unico Estado do Continente da Europa , com quem tinha relações directas , e respeitaveis ; e que por conseguinte todas as razões da Politica persuadião á Hespanha , que vivesse em perpetua paz com a França.

ça. ; Que teria pois , accrescentei eu , que reccar o Imperador de huma Nação , que ás reflexões do interesse une a inflexivel , e religiosa lealdade , com que em todas as épocas , segundo o sentir dos mesmos escritores Francezes , tem observado o seu systema federativo ?

Proseguí , que não erão menos poderosos os motivos que a França tinha para não comprometter a boa harmonia , que desde o tratado de Basiléa havia sustentado , com tanta vantagem sua , com a Hespanha : que esta Nação , cuja generosidade , energia , e amor a seus Reis , havia passado em proverbio , se por hum principio de fidelidade havia sido docil aos arbitrios do despotismo , cobertos com o veo da Magestade , pelo mesmo principio lançaria mão do seu acreditado valor quando visse ultrajada a independencia e seguridade do seu idolatrado Soberano : que se por desgraça a França commettesse tão atroz insulto , esta Potencia perderia hum alliado , cujos Exercitos , forças maritimas e Thesouros tanto tinham em grande parte contribuido aos seus triunfos : que a Inglaterra , que em vão havia tentado a constante boa fé do Gabinete Hespanhol para que se separasse da França , aproveitaria esta conjunctura para diminuir as forças da sua inimiga , e para augmentar as suas com as relações pacificas de huma Potencia , a quem auxiliaria com Armas , Thesouros , e Matinha na gloriosa empreza de defender a independencia , e seguridade de seu Rei e Senhor natural : que

as

as debeis colonias da França não verião em tal caso empregadas as forças Maritimas de Hespanha em entropecer as idéas de conquista da Grão Bretanha: e que o Commercio desta Potencia não teria que competir nos Mercados Hespanhoes com a privilegiada concurrencia das Mercadorias Francezas.

Além destas considerações, que tem huma tendencia directa aos dous Estados, expuz outras não menos poderosas, e relativas á reputação do Gabinete Francez.

Lembrei ao Ministro que em 27 de Outubro ultimo se havia assignado em Fontainebleau hum Tratado, pelo qual o Imperador garantia a independencia e integridade da Monarquia Hespanhola, tal como se achava naquella época: que desde então nenhuma causa havia occorrido que pudesse justificar a sua infracção; antes pelo contrario a Hespanha havia continuado em ajuntar novos titulos para a confiança e reconhecimento do Imperio Francez; o que assim mesmo havia confessado S. M. I. nos elogios, que tinha dedicado á boa fé e constante amizade de sua íntima, e primeira alliada.

Que confiança, ajuntei eu, poderá ter a Europa em seus Tratados com a França, á vista da perfidia com que se falta á fé, do de 27 de Outubro? E qual será a sua admiração vendo os meios capciosos, os affagos seductores, e as falsas promessas, com que S. M. I. desterrou a ElRei na Cidade de Bayona para

ra despoja-lo de huma Coroa , a que com inexplicavel jubilo de seus Póvos ha sido chamado pelas Leis fundamentaes do Reino , mediante a espontanea abdicção de seu Augusto Pai ? A posteridade não poderá crer que o Imperador haja podido dar hum golpe tão decisivo á sua reputaçõ , cuja perda não deixa ás suas guerras outro meio de conclui-las que o estrago e a exterminação.

Este era o estado da questão , quando o Imperador , que havia escutado a conferencia , nos mandou entrar á sua presença , onde com sobeja surpresa me vi ultrajado por S. M. I. com o infame nome de traidor , sem outro fundamento que o de que havendo sido Ministro de Carlos IV. , continuava servindo a seu Filho Fernando VII. Criminando-me igualmente , com tom irritado , porque havia sustentado em huma conferencia de officio com o General Montion , que ElRei meu Amo para ser Rei de Hespanha não necessitava do reconhecimento do Imperador , não obstante que este lhe era preciso para continuar as suas relações com o Governo Francez. Ainda foi maior a sua cólera ao lembrar-se S. M. I. de que eu houvesse dito a hum Ministro Estrangeiro acreditado na Corte de Hespanha , que se o Exercito Francez offendia a integridade e a independencia da Soberania Hespanhola , trezêntos mil homens farião conhecer que não se insulta impunemente a huma Nação forte e generosa.

Ter-

Terminado este tratamento tão satisfatorio em seus verdadeiros motivos , como sensivel pela Regia Pessoa de quem vinha , renovou S. M. I. , com sua natural aspereza , a conversação sobre pontos já discutidos. Não desconheceo nem a firmeza das minhas razões , nem a solidez dos principios com que apoiava os direitos d'El-Rei , os da sua dynastia e os da Nação ; porém não obstante concluiu dizendo-me : *j'ai ma politique à moi : vous devez adopter des idées plus liberales : être moins sensible sur le point d'honneur ; et ne sacrifier la prospérité de l'Espagne à l'interet de la famille de Bourbon.* (1)

Desconfiado o Imperador da minha docilidade ás advertencias que se dignou fazer-me quando me despedio da sua audiencia , fez dizer a ElRei , que para este negocio convinha outro Negociador mais flexivel. Ao mesmo tempo que S. M. destinava o sujeito que me devia succeder nesta Negociação , se apresentou o Arcediago D. João de Escoiquiz hum dos muitos parceiros que jogavão nesta intriga , e o persuadio que fosse visitar o Ministro Champagni. Foi com effeito Escoiquiz , penetrado do melhor zelo pelos interesses de S. M. , e obteve do Ministro das Relações exteriores, que

(1) Eu tenho hum politica particular minha : V. deve adoptar humas idéas mais francas ; ser menos delicado sobre o ponto de honra ; e não sacrificar a prosperidade da Hespanha ao interesse da Familia de Bourbon.

que lhe dictasse as proposições que novamente fazia o Imperador, as quaes escreveo o dito Senhor Escoiquiz, e são taes como se vê no Documento N.º IV.

Neste estado, tendo-se inteirado S. M. das circumstancias de que era adornado o Ex.^{mo} Senhor D. Pedro Labrador, Ministro d'ElRei junto da Corte de Florença, e conselheiro honorario de Estado, o authorizou com os seus plenos poderes e correspondentes instrucções, que são as do N.º IV., prevenindo-o que apresentasse aquelles ao Minitro das Relações exteriores: que exigisse deste a apresentação de outros iguaes; e que as proposições de S. M. I. se fizessem de hum modo authentico. Huma e outra requisição foi negada pelo Ministro Champagni debaixo do frivolo pretexto de que *estas cousas erão humas meras formulas, absolutamente desnecessarias á essencia da Negociação.*

Insistio o Senhor Labrador sobre a importancia de hum e outro requisito, muito principalmente em huma materia de tanta consequencia, ajuntando que sem elles nada podia discutir, e que ElRei seu Amo os exigia para variar, se fosse necessario, as instrucções que lhe havia dado; porém tudo foi em vão. Sem embargo disto, fallou o Senhor Champagni sobre as ultimas proposições do Imperador, com alguma differença das propostas pelo General Savary, porém não menos irritantes e violentas; e concluiu com dizer ao Senhor La-

E

bra-

brador que na sua mão tinha a prosperidade de Hespanha e a sua propria.

Respondeo este Ministro , que daria parte a El-Rei seu Amo das novas proposições. Fez sobre ellas as reflexões proprias de seu acreditado talento , e de seu inflexivel zelo pelo serviço de S. M. , e pelo bem de sua Patria ; e expoz que a prosperidade de seu Soberano e a da sua Nação , estavam unidas e conformes entre si : que a estes dous objectos havia sacrificado todos os seus desvelos em varios destinos , tendo merecido em todos que o governo classifcasse seu desempenho com os mais lisonjeiros testemnhos ; e por ultimo , que era tanto mais certo que tinha em sua mão sua propria fortuna , quanto que cifrando-a na reputação adquirida de fiel servidor d'ElRei de Hespanha , de nenhum outro dependia senão de si mesmo o conserva-la como huma nova prova de rectidão incorruptivel. Antes de concluir a conferencia , perguntou categoricamente o Senhor Labrador ao Ministro Champagni , se o Rei estava em liberdade ; e lhe contestou , que não podia duvidar-se : repetio Labrador , que em tal caso poderia restituir-se S. M. a seus Estados ; ao que respondeo , que em quanto ao regresso da Hespanha , era necessario que ElRei Nosso Senhor se entendesse com S. M. I. e R. de palavra ou por escrito.

Esta resposta , unida a outras provas , não deixou dúvida a ElRei de que seu estado em Bayona era o de hum

hum verdadeiro prizioneiro: não obstante, para dar maior autenticidade á violencia que se praticava com S. M., passei de Sua Real Ordem huma nota, que he a de N.º V., ao Ministro das Relações exteriores, manifestando-lhe que ElRei estava determinado a voltar a Madrid para acalmar a agitação de seus amados Vassallos, e prover no despacho dos graves negocios de seu Reino, assegurando que dentro d'elle continuaria tratando com S. M. I. sobre os negocios de reciproca utilidade. Não se deo resposta alguma a este officio, nem teve outro resultado que o de redobrar as precauções e a vigilancia sobre a pessoa de S. M.

Sem dúvida não era o Cavalleiro Labrador o sujeito que se buscava, pois que então se lhe pretextou que não tinha o emprego correspondente ao do Senhor Champagni, e de que seu character era pouco differente.

Como os artificios da Diplomacia não poderão triunfar da firmeza d'ElRei, nem do zelo de seus representantes e dos individuos de Sua Real comitiva, que deliberarão em Junta presidida por S. M. sobre os interesses d'ElRei e da Nação, se vio o Imperador na necessidade de mudar de meio para consummar sua começada obra, e que os Reis Pais fossem a Bayona para torna-los o instrumento da oppressão, e desgraça de seu Filho. A este fim mandou ao Crão Duque de Berg que usasse de todas as suas artes para se realizar a viagem de Ss. MM. a Bayona.

Os Reis Pais exigirão que o Privado os pecedesse, e o Grão Duque recorreo differentes vezes á Junta do Governo para obter sua liberdade. A Junta carecia de faculdades para fazer a entrega, porque ElRei lhas havia cortado neste ponto desde Vitoria, como já se tem dito; porém surpreendida pelas suggestões de S. M. I., e intimidada com a ameaça de que se obteria por huma força irresistivel o que não se concedesse voluntariamente, subscreveo á soltura de D. Manoel Godoi, que immediatamente foi conduzido a Bayona com escolta segura. O Decreto N.º VI. de punho d'ElRei remettido de Sua Real Ordem ao Conselho, he huma prova autentica da resolução de S. M. neste ponto.

Emprehenderão os Reis Pais sua viagem com muito maior accleração de que o permittia o lastimozo estado da saude do Senhor D. Carlos IV., porém assim o queria a inexoravel resolução do Imperador.

Muito arduo era o empenho de S. M. I. Necessitava para seus disignios riscar do coração d'ElRei Pai, e arrancar de suas entranhas o amor por seu Filho primogenito, que a intriga mais horrenda da Corte não havia podido extinguir de todo: demais era preciso que estes Pais amantes e desvelados por alguns de seus Filhos, substituíssem á ternura paternal a mais fria e cruel indifferença. Para realizar suas idéas exigio Napoleão que os Reis Pais fossem o instrumento da miseria, abatimento e mortificação de seus filhos; que fossem como
seus

seus verdugos ; e com assombro da natureza tudo obteve seu poder.

Tenho provado que a renuncia d'ElRei Pai em Aranjuez foi espontanea ; e que a causa que a inspirou foi a predilecção de S. M. pela vida privada. Em Bayona disse a ElRei seu Filho, que não queria reinar, nem voltar a Hespanha ; sem embargo disto, quer que S. M. renuncie em seu favor a Corôa, para fazer hum presente com ella ao Imperador ; isto he, a hum Soberano que ha sido em parte a origem das necessidades de Hespanha, a unica causa da perda de nossas Esquadras, o principio dos temores, e sobresaltos da Corte e da Nação, e da intentada viagem da Familia Real a Sevilha, e á America, desvanecida pela explosão de 17 de Março.

Deixo á discrição dos Soberanos da Europa o julgar se he possivel, que hum Monarca amante de seus filhos, dotado de luzes, penetrado dos principios da Religião, e piedoso sem superstição, esqueça em hum momento, sem estar violentado, todas as suas Relações de familia, e firme o Decreto de proscricção de toda a sua dynastia, para chamar outra que não estima, antes bem detesta como attentadora aos Thornosque podem lisonjear sua ambição. Talvez he este o primeiro exemplo que com taes circunstancias offerece a historia.

ElRei Fernando VII., conduzido pelo respeito,
pre-

prezo, e forçado pelas circumstancias, fez no 1.º de Maio huma renuncia condicional de sua Corôa a favor de seu Augusto Pai, que he a do N.º VII. A este passo se seguiu a Carta d'ElRei Pai a seu Filho, N.º VIII., e a prudentissima contestação d'ElRei Filho ao Pai, N.º IX.

No dia 5 do mesmo mez de Maio ás quatro da tarde foi visitar o Imperador aos Reis Pais, e durou sua conferencia até ás cinco, hora em que foi chamado ElRei Fernando por seu Augusto Pai, para ouvir na presença da Rainha, e do Imperador expressões e ditos tão offensivos, e humilhantes, que se nega a mão a escreve-los. Todos estavam assentados, menos ElRei Fernando, a quem seu Pai deo ordem de fazer huma renuncia absoluta sobpena de ser tratado, com toda a sua comitiva, como usurpador da Corôa, e conspirador contra a vida de seus Pais.

S. M. houvera arrostado a morte; porém não querendo envolver na sua desgraça a muitos comprehendidos na ameaça de Carlos IV., teve de fazer outra renúncia (N.º X.) que leva em si os caracteres da violencia, e que de nada serve para colorar ao menos a usurpação projectada pelo Imperador.

Estas são as unicas Renúncias em que tenho entrevido como Ministro e Secretario d'Estado. Da que se disse feita em Bordéos, não hei tido o menor conhecimento; porém consta-me que o Imperador na

con-

conferencia de despedida com ElRei Fernando VII., disse a S. M. : *Principe , il faut opter entre la cession , et la mort* (1).

Quanto ao mais , todo o mundo sabe que o Senhor D. Carlos IV. renunciou a Coroa no Imperador; ao passo em que se violentou o que se reputava Principe das Asturias, a seu irmão o Senhor Infante D. Carlos , e a seu tio o Senhor Infante D. Antonio , a que fizessem por sua parte a renúncia de seus Direitos ; e que o Imperador, crendo-se já dono da Corôa de Hespanha , e a transpassou a seu irmão José Napoleão , Rei de Napoles.

Já se tem dito , que ainda que S. M. partio de sua Corte por poucos dias, havia julgado S. M. conveniente authorizar huma Junta presidida pelo Senhor Infante D. Antonio , com amplas faculdades para resolver por si , e em seu Real nome todos os assumptos que não permittissem a dilação de sua consulta ao Soberano. Todas as noites expedia eu hum Correio a esta Junta , participando-lhe quanto interessava á sua intelligencia e governo.

Desde que ElRei chegou a Bayona , e que em o mesmo dia de sua chegada , se lhe communicou o violento designio do Imperador , comecei a temer o perigo de que fossem interceptados os Correios extraordinaria-

(1) Principe , he forçoso eleger entre a cessão e a morte.

narios , como com effeito o forão. Entre as contesta-
ções que tive com o Ministro Champagni sobre varios
incidentes a que deo lugar a prizão dos Correios do
Gabinete , he mui notavel a resposta que elle deo a
huma nota minha de reclamação , que se acha entre as
peças justificativas com o N.º II.

Nestas circumstancias tomei a precaução de dobrar
as communicações por differentes vias. Com este arbi-
trio consegui que a Junta do Governo não ignorasse o
estado de oppressão , e de cativoiro , em que se achava
ElRei.

Era facil o prever que não seria respeitada a li-
berdade da Junta , quando a pezar de todas as offertas ,
e garantias do Imperador se attentou á do mesmo Rei
em Bayona , e que os nobres designios de alguns vo-
gaes daquella , energicamente manifestados , serião atro-
pellados pela irresistivel força do representante do Im-
perador. A esta sem dúvida deve attribuir-se o não se
ter consultado a orfandade do Reino , nem o remedio
de suas consequencias , com a erança de huma Junta
de Regencia em sitio seguro , e livre de bayonetas ini-
migas.

Admirado ElRei de que a Junta não participasse
em Correio immediato ter tomado tão precisa determi-
nação , lhe communiquei sem perder momento , huma
Real Ordem , *para que executasse quanto convinha
ao serviço d'ElRei e do Reino , e que com effeito usas-*

se de todas as faculdades que S. M. empregaria se se achasse dentro de seus Estados (1).

Não podia escrever-se mais claro. A segurança das communicações se diminuia por momentos ; e eu não devia esperar que o Imperador respeitasse o sagrado das correspondencias, depois que não respeitou o Soberano a quem servião.

A Junta não obstante , crêo devia consultar a S. M., e pedir-lhe suas ordens sobre varias medidas, que lhe parecêrão necessarias para salvar o Reino ; e a este fim despachou a Bayona huma pessoa de toda a confiança, e acreditado zelo pelo Real Serviço, com a obrigação de transmittir a ElRei verbalmente as proposições seguintes :

1.^a Se julgava S. M. conveniente authorizar a Junta, para que se substituísse, em caso necessario, na pessoa ou pessoas da mesma, ou de fóra della, que S. M. nomeasse, ou designasse a Junta authorizada para isto, a fim de se trasladar para sitio em que se podesse obrar com liberdade.

2.^a Se era vontade de S. M. que se principiassem as hostilidades contra o Exercito Francez ; e neste caso, como e quando deveria executar-se.

3.^a Se era igualmente de vontade d'ElRei, que se

F

CO-

(1) O Correio de Gabinete, portador desta Real Ordem, foi interceptado, e em consequencia despachei hum duplicado, que foi recebido pela Junta, e cuja minuta he huma das que não pude salvar.

começasse por impedir a entrada de novas tropas Francezas em Hespanha , cerrando os passos da fronteira.

4.^a Se julgava S. M. conducente que se convocassem as Cortes , para o que era necessario hum Decreto de S. M. dirigido ao Conselho Real , e na falta deste , por ser possivel que ao chegar a resposta d'ElRei não estivesse em liberdade de obrar , a qualquer Chancellaria , ou Audiencia do Reino , que se achasse desembaraçada de tropas Francezas. Por ultimo , de que materiaes deverião occupar-se as Cortes.

O sujeito encarregado destas proposições chegou a Bayona na dia 4 de Maio por noite : apresentou-se-me immediatamente , e dando-me parte da sua commissão , a elevei ao conhecimento de S. M. sem perder momento.

Tomadas por ElRei em consideração as quatro proposições da Junta , se servio S. M. expedir dois Reaes Decretos na manhã do seguinte dia 5 , hum escrito todo de sua Real mão , dirigido á Junta do Governo em contestação ás suas proposições , e outro firmado por S. M. (Eu ElRei) dirigido em primeiro lugar ao Conselho , e na sua falta a qualquer Chancellaria , ou Audiencia do Reino , que se achasse desembaraçada.

Estes Decretos originaes enviados por mim com toda a reserva , e por conducto seguro , se sabe que chegarão ás mãos de hum dos Ministros individuos da Junta , que já se acha ausente , e a cujo nome vinha o

pri-

primeiro sobrescrito; porém a Junta he certo que não fez uso algum do que lhe competia, nem tão pouco remetteo ao Conselho o que a elle vinha dirigido (1).

As minutas destes dois Decretos não existem em meu poder, porque a situação crítica em que ElRei se achava em Bayona, e a necessidade de evitar todo o compromettimento a S. M., me obrigárão a rasgalas. Não obstante, conservo bem na memoria, e attenção e certificação o mesmo os tres Secretarios de S. M., Officiaes de sua primeira Secretaria de Estado D. Eusebio Bardaxi e Azara, D. Luiz de Onis, e D. Evaristo Peres de Castro, que nessa occasião se achavão ao meu lado naquella Cidade, e virão e lerão os dois citados Decretos originaes, que seu theor era em substancia como se segue:

Dizia ElRei á Junta do Governo, *que se achava sem liberdade, e consequentemente impossibilitado de tomar por si medida alguma para salvar sua Per-*

F ii

soa

(1) Quando estes dois Reaes Decretos chegarão ás mãos da Junta, já havia dias que tinha por seu Presidente o Grão Duque de Berg; já tinha passado o asiago dia 2 de Maio. O Imperador, depois da partida dos Reis Pais, arancou precipitada, e indecentemente desta Corte a todos os individuos da Familia Real, e os conduzio a Bayona, porém ainda restava o passo importante de apoderar-se completamente do Governo, e para verificá-lo se fez abortar a sanguinosa scena de 2 de Maio; scena de horror e de iniquidade, bem conforme á conducta que tem usado em outros Paizes os Francezes modernos, para chegar a hum resultado semelhante.

soa e a Monarquia; que por tanto authorizava á Junta na fórma mais amp'a , para que em corpo , ou substituindo-se em huma , ou muitas pessoas , que a representassem , se trasladasse ao sitio que julgasse mais conveniente ; e que em nome de S. M. , e representando sua mesma Pessoa , exercesse todas as funções da Soberania. Que as hostilidades deverião começar desde o momento em que entranhassem a S. M. na França , o que não succederia senão por violencia. E por ultimo , que em chegando esse caso , tratasse a Junta de impedir , do modo que parecesse mais a proposito , a entrada de novas tropas na peninsula (1).

No Decreto dirigido ao Conselho Real , e na sua falta a qualquer Chancellaria , ou Audiencia , dizia S. M. : Que na situação em que se achava , privado da liberdade para obrar por si , era sua Real vontade , que se convocassem as Cortes no sitio que parecesse mais ampla ; que logo se occupassem unicamente em proporcionar os arbitrios , e subsidios necessarios para attender á defensa do Reino , e que ficassem permanentes para o mais que podesse occorrer (2).

Já

(1) He muito de notar o perfeito acordo que na substancia tem havido entre a vontade d'ElRei , manifestada á Junta no seu Real Decreto de 5 de Maio , e a determinação de seus fieis Vassallos , pois temos visto quasi todas as Provincias da Monarquia levantar-se a hum mesmo tempo espontaneamente contra a oppressão , sem ter o menor indício da vontade de seu Soberano.

(2) Os tres Secretarios d'ElRei com exercicio de Decretos abaixo

Já ficção demonstrados os tortuosos meios, de que se valeo o Imperador para extorquir as renúncias da Corôa de Hespanha em seu favor; porém não acabou ahí o tecido das violencias de Bonaparte. Conhecia este, em meio de sua cêga ambição, os vicios de que adoecião os actos de renúncia, e tratou de os sanar por meio de huma Assembléa, que chamou Nacional, e que devia reunir-se em Bayona (1).

Fez nomear huns cento e cincoenta Hespanhoes de differentes classes, Estados, e Corporações, ainda que só assistirão noventa. Parte delles representando algumas Cidades, Tribunaes, ou Corpos, levarão humas instrucções á maneira de poderes, dadas por aquelles a quem representavão; porém absolutamente insufficientes para servir ao objecto que se pertendia: os Ministros do Conselho fo-

assignados, certificamos ter visto e lido em Bayona os dois Decretos originaes expedidos por S. M. o Senhor D. Fernando VII. em 5 de Maio deste presente anno, de que se faz menção neste escrito; e ser o seu contheudo em substancia, segundo nos a lembrança, o mesmo que nelle se manifesta.

Madrid 1 de Setembro de 1808. *Euzébio de Bardaxi e Azara.*

Luiz de Onis. — Evaristo Perez de Castro.

(1) Todos sabem que esta Junta se reunia em Bayona, segundo manifestou ao público o impresso de 19 de Maio, para tratar alli da *felicidade* de toda a Hespanha, porpondo todos os males que o anterior systema havia occasionado, e as refórmãs, e remedios mais convenientes para destrui-los em toda a Nação, e em cada Provincia em particular.

forão sem poderes nem instrucções algumas : arbitrio que adoptou este Tribunal , de acordo com seus commissionedos , para precaver todo o involuntario compromisso : os mais Deputados não tiveram outros poderes que a simples ordem de partir ; e muitos não pertencião a corpo , ou classe determinada.

Lisonjeou-se o Imperador de obter com a acquisição destes individuos hum titulo com que cubrir a usurpação ; porém ficou frustrada a sua esperança. Em lugar de almas frouxas , e accessiveis aos tramas da ambição e do interesse , encontrou Ministros incorruptiveis , grandes dignos de sua classe , e outros representantes fieis deffensores do interesse e da honra de seu paiz. Huns e outros fizeram presente , que era mui resumida a esfera de suas faculdades , e que por nenhum de seus actos podia ficar compromettida a Hespanha , cuja representação não tinham.

Estas reflexões e outras semelhantes forão gradua-
das de insultos no Tribunal do Usurpador ; e longe de retardar a marcha de seus attentados , pôz em movimento todos os meios de oppressão que tinha em sua mão , persuadindo-se que as victorias de huma parte , e as corrompidas prensas de outra , darião por fim a seus titulos o colorido de justiça que necessitava , para não ser olhado no mundo como o perturbador do socego geral.

Não entro nas particularidades do occorrido neste
con-

congresso : talvez algum dos Ministros do Conselho de Castilha , que tanto honrarão a toga , contentará a curiosidade do público sobre este interessante objecto.

Não devo fallar do que tenho soffrido pelo meu Rei , e pela minha Nação : para melhor dizer , não hei soffrido ; pois tudo se deve a tão sagrados respeitos. Era para mim da maior satisfação ver minha pouxada em Bayona guardada pelos satélites do Governo , aos quaes succederão os espias , que sempre abundão quando mandão aquelles que usurpão na historia o nome de heroes. Meus passos erão contados , minhas visitas observadas ; a espionagem disfarçada com o véo da compaixão , se aproximava a esquadrihar os segredos da minha alma ; porém nada perturbava a tranquillidade do meu espirito. O que não podia supportar era ver-me condemnado , segundo me constava por avisos fide-dignos , a huma confinção dentro de França , até que o Imperador julgasse que minha relação de sua chronica escandalosa não havia de entorpecer a violenta fabrica da nova Soberania Hespanhola. Em vão molestei durante dous mezes ao Ministro de Relações exteriores com a sollicitação de regressar á minha amada Patria : a heroica resistencia desta aos esforços da usurpação , ensurdecia o Governo Erancez ás minhas reclamações , crendo , não sem razão , que eu intentaria inflamar o heroismo , denominado insurreição nos papeis periodicos de Bayona.

Em

Em tão terriveis circumstancias se me apresentou hum meio de evadir-me de hum desterro indeterminado: tal foi o das repetidas instancias de Jose Napoleão para que continuasse servindo-o em qualidade de Ministro, ás quaes cedi com repugnancia e violencia; porém sem prejuizo de meu direito de abandoná-lo em tempo de segurança.

Esta a encontrei desde o momento que puz os pés em Madrid. Desde este instante só pensei em proporcionar-me a occasião mais prompta e opportuna de fazer minha renuncia, que com effeito verifiquei nos termos que contém o Documento N.º XII.

Não pôde ser sensivel a José Napoleão o retiro de hum Ministro que frequentemente se oppunha ás suas disposições, e que, no conceito de alguma das pessoas que o rodeavão mais intimamente, *era tão extravagante em suas maximas, que não podia desenvolver os altos designios do maior dos heroes em favor da regeneração da Hespanha.*

Tenho apresentado nesta exposição com singeleza, e fidelidade a série dos principaes successos desta época importante, fugindo cuidadosamente de entrar em particularidade ou detalhes que fossem alheios de meu objecto, ou capazes de fazer minha narração demasiadamente prolixa; e tenho procurado pôr diante dos olhos de meus Leitores, debaixo de seu verdadeiro ponto de vista, toda a injustiça, e violencia com que o

Go-

Governo Francez se tem conduzido contra nosso Amado Soberano e a Nação inteira.

Fica pois provado que a renuncia do Senhor D. Carlos IV. em favor de seu Filho o Principe de Asturias não se enfranquece de vicio algum. No ligeiro quadro que temos delineado das artes pérfidas e enganosas com que o Imperador tem chegado até onde havemos visto, fica traçada para eterna memoria a série dos insultos atrozes que se hão feito á Hespanha, e a seu desgraçado Rei D. Fernando VII.

Consterna o Imperador ao Senhor D. Carlos IV., para que fugindo para a America com toda a Familia Real, lhe abandonasse a península: incendeia a discordia entre o Reis Pais e o filho, para debilitar a Hespanha, dividindo-a em partidos, depois de haver descreditado a seus Reis: arranca a Fernando VII. de sua Corte com palavras fementidas e enganosas: o faz cativo em Bayona; e quando ha visto que a virtude do Joven Rei sabe resistir a seus manejos; que Fernando não se presta á renuncia que se lhe exige, faz conduzir a Bayona aos Reis Pais com todas as restantes pessoas da Real Familia, como para apresentá-los a todos sem liberdade ante o Tribunal Imperial, que era Juiz, e Parte: trabalha em desnaturalizar aos Pais, e os obriga a ser o instrumento da oppressão do Filho: arranca deste a renuncia mais illegal e violenta, que jámais se vio entre os homens; e por huma série de renun-

cias amontoadas com a mesma illegalidade, chega a considerar-se dono da Coroa de Hespanha, que transfere a seu irmão, sem reparar no escândalo e sobresalto que produziria nos Gabinetes da Europa a usurpação de huma Monarquia amiga e alliada.

¿ Quem haverá pois que não conheça com evidencia, que a renuncia executada por Fernando VII. a favor de seu Augusto Pai, e a que successivamente se formalizou a favor do Imperador são de absoluta nullidade? ¿ Quem não vê que, ainda quando a ultima tivesse emanado de huma vontade livre, nem por isso prejudicaria aos Direitos da dynastia de Borbon? ¿ Quem he que ignora, que na extincção desta, e pela natureza da Monarquia, só a Nação póde chamar outra dynastia, ou introduzir a fórma de Governo que lhe agradar?

Por outra parte tenho feito ver que Fernando VII. era demasiadamente recto para temer que o Imperador abrigasse tão atrozes designios. Desejava El Rei libertar a Hespanha do gravame das Tropas Francezas; se li-sonjeava de regular esta e outras cousas com o Imperador, e voltar ao seu Reino com o fruto de seus desvelos pelo bem dos seus Vassallos, e nenhuma hora lhe parecia intempestiva para trabalhar em beneficio destes. Eu o vi; eu posso attestá-lo: em sua confinação nada affligia seu generoso coração se não a sorte de seus Povos; e quando sua apparente liberdade estava a ex-
tin-

tinguir-se, lhes fez o legado mais proprio de seu paternal cuidado; tal foi a Ordem para que se erigisse huma Regencia, naturalmente reclamada desde que foi reconhecida a sua prizaõ; e que se celebrassem Cortes para determinar o que fica indicado em seu lugar.

O valor e o Patriotismo tem armado com o melhor successo a toda a Nação em sua propria defesa, e na de seu legitimo Soberano, sem ter a menor noticia da vontade de seu amado Fernando: o Patriotismo e a prudencia a unirão agora irrisistivelmente para realisar com promptidão a importantissima obra do Governo central ou de Regencia, que administre o Reino em nome de S. M.

Assim ficará cumprida em beneficio de todos a ultima expressão da vontade, que ElRei se dignou manifestar no momento antes de renunciar forçadamente a sua Coroa; assim, salva a Nação de tão terrivel tempestade; haverá dado á Europa hum assignalado exemplo de lealdade, honra, e generoso esforço, que será admirado em todas as idades, e em todos os Paizes.

Madrid 1 de Setembro de 1808.

Pedro Cevallos.

ingratos, lhes fez o legado mais proprio de re-
nal estado; tal foi o Quidam para que se viu
na Realta, e assim a morte de da que se
recolhecia a sua paixão; e que se celebrava
para determinar o que se praticado em conju-
do.

O valor do Partidario tem estado com o me-
lhor successo a toda a facção em sua propria delicia;
e na de seu legitimo Sobrão; com ter a menor parti-
cia de vontade de seu amigo Fernando; e Partidario
e a prudencia a razão egua a realidade para ter
lhes com propiõ a importância que do Co-
rno central ou de Regencia, que admira a
em nome de S. M.

Assim ficara culpada em beneficio de todos a
ultima expreção da vontade; que N. R. se digam
necessar no momento antes de se fazer a
a sua hora; assim, salva a Realta de se ter
perdo; haveri tudo a Europa hum e signando em
pio de lealdade, honra, e generoso esforço; que se
admitido em todas as partes; e em todas as
Madrid 1 de Setembro de 1808.

Pedro Gualter.

Do

C. II

DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS.

N.º I.

Tratado secreto entre S. M. Catholica , e S. M. o Imperador dos Francezes , pelo qual as Altas Partes contratantes estipulão todo o relativo á sorte futura de Portugal. Em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

N Apoleão por Graça de Deos e da Constituição, Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin. Tendo visto, e examinado o Tratado concluido, regulado, e firmado em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807, pelo General de Divisão Miguel Duroc, Grão Marechal de nosso Palacio, Grão Cordão da Legião de Honra, &c. &c. e n virtude dos plenos poderes que lhe havemos conferido para este effeito, com D. Eugenio Izquierdo de Ribera e Lezaun, Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra de S. M. ElRei de Hespanha, igualmente authorisado com plenos poderes de seu Soberono; de cujo Tratado he o theor como se segue.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia,

e

e Protector da Confederação do Rhin , e S. M. Catholica ElRei de Hespanha , querendo regular de commum acordo os interesses dos Estados , e determinar a sorte futura de Portugal de hum modo que concilie a politica dos Paizes , tem nomeado por seus Ministros Plenipotenciarios , a saber : S. M. o Imperador dos Francezes , Rei de Italia , e Protector da Confederação do Rhin , o General de Divisão Miguel Duroc , Grão Marechal de seu Palacio , Grão Cordão da Legião de Honra ; e S. M. Catholica ElRei de Hespanha a D. Eugenio Izquierdo de Ribera e Lezaun , seu Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra ; os quaes , depois de haver trocado seus plenos poderes , se tem convencionado no seguinte.

A R T I H O I.

A Provincia Entre Minho e Douro com a Cidade do Porto se dará em toda a propriedade , e Soberania a S. M. ElRei de Etruria com o titulo de Rei da Lusitania Septentrional.

II.

A Provincia de Alem-Téjo e o Reino dos Algarves se darão em toda a propriedade e Soberania ao Principe da Paz , para que as desfrute com o titulo de Principe dos Algarves.

III.

III.

As Provincias da Beira , Tras-os-Montes e a Estremadura Portugueza , ficarão em deposito até á paz geral , para dispôr dellas segundo as circunstancias , e conforme ao que se convenha entre as duas Altas Partes contratantes.

IV.

O Reino da Lusitania Septentrional será possuido pelos descendentes de S. M. El Rei de Etruria hereditariamente , e seguindo as Leis de successão , que estão em uso na Familia Reinante de S. M. El Rei de Hespanha.

V.

O Principado dos Algarves será possuido pelos descendentes do Principe da Paz hereditariamente , e seguindo as Leis de successão que estão em uso na Familia Reinante de S. M. El Rei de Hespanha.

VI.

Na falta de descendentes , ou herdeiros legitimos de El Rei da Lusitania Septentrional , ou do Principe dos Algarves , estes Paizes se darão por investidura por S. M. El Rei de Hespanha , sem que já mais possam ser reunidos debaixo de huma mesma cabeça , ou á Coroa de Hespanha.

VII.

O Reino da Lusitania Septentrional , e o Principado dos Algarves reconhecerão por Protector a S. M.

Ca-

Catholica ElRei de Hespanha ; e em nenhum caso os Soberanos destes Paizes poderão fazer nem a paz , nem a guerra sem sua intervenção.

VIII.

No caso de que as Provincias da Beira , Tras-os-Montes , e Estremadura Portugueza , tidas em sequestro , fossem entregues á paz geral á Casa de Bragança em cambio de Gibraltar , Trindade , e outras Colonias que os Inglezes tem conquistado sobre a Hespanha , e seus Alliados , o novo Soberano destas Provincias teria com respeito a S. M. Catholica ElRei de Hespanha os mesmos vinculos , que ElRei da Lusitania Septentrional , e o Principe dos Algarves , e serão possuidas por aquelle debaixo das mesmas condições.

IX.

S. M. ElRei de Etruria cede em toda a propriedade e soberania o Reino de Etruria a S. M. o Imperador dos Francezes , Rei de Italia.

X.

Quando se effectue a occupação definitiva das Provincias de Portugal , os differentes Principes que devem possui-las nomearão de acordo Commissarios para fixar seus limites naturaes.

XI.

S. M. o Imperador dos Francezes , Rei de Italia , constitue-se Garante a S. M. Catholica ElRei de Hespa-

panha da possessão de seus Estados do continente de Europa, situados ao Meio-dia dos Pyrneos.

XII.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, se obriga a reconhecer a S. M. Catholica El Rei de Hespanha, como Imperador das duas Americas quando tudo esteja preparado, para que S. M. possa tomar este titulo, o que poderá effectuar-se na occasião da paz geral, ou o mais tardar dentro de tres annos.

XIII.

As duas Altas Potencias contratantes se entenderão para fazer huma divisão das Ilhas, Colonias, e outras propriedades Ultramarinas de Portugal.

XIV.

O presente Tratado ficará secreto: será ratificado; e as ratificações serão trocadas em Madrid, vinte dias o mais tardar depois do dia em que se tem firmado.

Feito em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

Firmado = *Duroc.* = *E. Izquierdo.*

Havemos approvado, e approvamos o precedente Tratado em todos e cada hum dos Artigos conteúdos nelle: declaramos que está acceitado, ratificado e confirmado, e promettemos que será observado inviolavelmente. Em fé do que havemos dado a presente, firmada

H

de

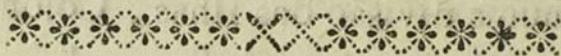
* 58 *

de nossa mão , referendada , e sellada com o nosso sello Imperial em Fontainebleau a 29 de Outubro de 1807.

Firmado = *Napolião.*

O Ministro de Relações exteriores. Firmado = *Champagni.*

Pelo Imperador , o Ministro Secretario de Estado. Firmado. = *Hugo Maret.*



N.º II.

Convenção secreta firmada em Fontainebleau entre S. M. El Rei de Hespanha , e S. M. o Imperador dos Francezes , pela qual as duas Altas Partes Contratantes regulaõ todo o relativo á occupaõ de Portugal. Em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

NApoleão pela graça de Deos , e da Constituição , Imperador dos Francezes , Rei de Italia , e Protector da Confederação do Rhin. Havendo visto , e examinado a Convenção concluida , regulada , e firmada em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807 , pelo General de Divisão Miguel Duroc , Grão Marechal de nosso Palacio ,

cio , Grão Cordão da Legião de Honra , etc. etc. em virtude dos plenos poderes , que lhe temos conferido para este effeito , com D. Eugenio Izquierdo de Ribera e Lezaun , Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra de S. M. El Rei de Hespanha , igualmente authorized com plenos poderes de seu Soberano , o theor da qual Convenção he como se segue :

S. M. o Imperador dos Francezes , Rei de Italia , e Protector da Confederação do Rhin , e S. M. Catholica El Rei de Hespanha , querendo regular o que he relativo á occupação , e conquista de Portugal , segundo se tem estipulado pelo Tratado firmado neste dia , hão nomeado , a saber : S. M. o Imperador dos Francezes , Rei de Italia , e Protector da Confederação do Rhin , o General de Divisão Miguel Duroc , Grão Marechal de seu Palacio , Grão Cordão da Legião de Honra ; e S. M. Catholica El Rei de Hespanha a D. Eugenio Izquierdo de Ribeira e Lezaun , seu Conselheiro Honorario de Estado e de Guerra , os quaes , depois de haverem trocado seus plenos poderes , tem concordado no que se segue :

A R T I H O I.

Hum Corpo de Tropas Imperiaes Francezas de vinte e cinco mil homens de Infantaria , e de tres mil homens de Cavallaria , entrará na Hespanha , e marchará

rá em direitura a Lisboa : reunir-se-ha a este Corpo outro de oito mil homens de Infantaria, e de tres mil de Cavallaria de Tropas Hespanholas com trinta peças de Artilheria.

II.

Ao mesmo tempo huma Divisão de Tropas Hespanholas de déz mil homens tomará posse da Provincia de Entre-Minho e Douro, e da Cidade do Porto, e outra Divisão de seis mil homens, composta igualmente de Tropas Hespanholas, tomará posse da Provincia de Alem-Téjo, e do Reino dos Algarves.

III.

As Tropas Francezas serão sustentadas e mantidas pela Hespanha, e seus soldos pagos pela França, durante todo o tempo de seu transito por Hespanha.

IV.

Desde o momento em que as Tropas combinadas tenham entrado em Portugal, as Provincias de Beira, Tras-os-Montes, e Extremadura Portugueza (que devem ficar sequestradas) serão administradas e governadas pelo General Commandante das Tropas Francezas, e as Contribuições que se lhes impozerem reverterão a beneficio da França. As Provincias que devem formar o Reino da Lusitania Septentrional, e o Principado dos Algarves, serão administradas, e Governadas pelos Generaes Commandantes das Divisões Hespanholas que en-

entrarem nellas, e as Contribuições que se lhes impozerem reverteráõ a beneficio da Hespanha.

V.

O Corpo do centro estará debaixo das ordens do Commandante das Tropas Francezas, e a elle estarão subordinadas as Tropas Hespanholas, que se reunirem áquellas: sem embargo do que, se ElRei de Hespanha ou o Principe da Paz julgarem conveniente passar se a este Corpo de Exercito, o General Commandante das Tropas Francezas, e estas mesmas estarão debaixo das suas ordens.

VI.

Hum novo Corpo de quarenta mil homens de Tropas Francezas se reunirá em Bayona, o mais tardar até 20 de Novembro proximo, para estar prompto a entrar na Hespanha para se transferir a Portugal, no caso de que os Inglezes enviem reforços, e ameacem atacá-lo. Este novo Corpo não entrará, com tudo, na Hespanha, até que as Altas Potencias contratantes se ponhão de acordo para este effeito.

VII.

A presente Convenção será ratificada, e a troca das ratificações se fará ao mesmo tempo, que a do Tratado deste dia.

Feito em Fontainebleau a 27 de Outubro de 1807.

Firmado = Duroc. = E. Izquierdo.

Ha-

Havemos approvado, e approvamos a **Convenção** precedente em todos, e cada hum dos **Artigos** conteúdos nella: declarauos, que está acceita, ratificada, e confirmada; e promettemos que será observada inviolavelmente. Em fé do que temos dado a presente, firmada de nossa mão, referendada e sellada com o nosso sello Imperial em Fontainebleau a 29 de Outubro de 1807.

Firmado = *Napoleão.*

O Ministro das Relações exteriores. = Firmado = *Champagni.*

Pelo Imperador = O Ministro Secreterio de Estado = Firmado = *Ugo Maret.*



N.º III.

Carta de S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rhin.

IRmão meu: Tenho recebido a Carta de V. A. R. já se terá convencido V. A. pelos papeis que ha visto d'ElRei seu Pai do interesse que sempre lhe tenho manifestado: V. A. me permittirá que nas circunstancias

cias actuaes lhe falle com franqueza , e lealdade. Eu esperava em chegando a Madrid , inclinar a meu illustre amigo , a que fizesse nos seus Dominios algumas reformas necessarias , e que dêsse alguma satisfação á opinião pública. A separação do Principe da Paz me parecia huma cousa precisa para sua felicidade , e felicidade de seus Povos. Os successos do Norte tem retardado minha viagem : as occurrencias de Aranjuez hão sobrevindo. Não me constituo juiz do que tem acontecido , nem da conducta do Principe da Paz ? porém o que sei bem he , que he muito perigoso para os Reis acostumar seus Vassallos a derramar o sangue fazendo justiça por si mesmos. Rogo a Deos que V. A. não o experimente hum dia. Não seria conforme ao interesse da Hespanha , que se perseguisse a hum Principe casado com huma Princeza da Familia Real , e que tanto tempo ha governado o Reino. Já não tem mais amigos : V. A. não os terá tão pouco se algum dia chega a ser desgraçado. Os Povos se vingão gostosos dos respeitos que nos tributão. Demais , ç como se poderia formar causa ao Principe da Paz , sem formá-la tambem ao Rei e á Rainha vossos Pais ? Esta causa fomentaria o odio e as paixões sediciosas ; o resultado seria funesto para vossa Coroa. V. A. R. não tem a ella outros Direitos , senão os que sua Mãi lhe tem transmittido : se a causa mancha sua honra , V. A. destroe seus Direitos. Não preste V. A. ouvidos a conselhos débeis e perfidos.

dos. Não tem V. A. direito para julgar o Principe da Paz ; seus delictos , se se lhe imputão , desaparecem nos Direitos do Throno. Muitas vezes tenho manifestado meu desejo de que se separasse dos negocios o Principe da Paz : se não tenho feito mais instancias , ha sido por hum effeito de minha amizade por ElRei Carlos , apartando a vista das fraquezas de sua affeição. ; Oh miseravel humanidade ! Debilidade e erro , tal he nossa divisa. Mas tudo isto se póde conciliar ; que o Principe da Paz seja desterrado da Hespanha , e eu lhe offerço hum asylo na França.

Em quanto á abdicção de Carlos IV. , ella ha tido effeito no momento em que meus Exercitos occupavão a Hespanha : e aos olhos da Europa , e á posteridade poderia parecer que eu tinha enviado todas essas Tropas com o unico objecto de derribar do Throno a meu Alliado , e meu Amigo. Como Soberano visinho devo inteirar-me do acontecido , antes de reconhecer esta abdicção. Eu o digo a V. A. R. , aos Hespanhoes , e ao Universo inteiro ; se a abdicção d'ElRei Carlos he espontanea , e não tem sido violentado a ella pela insurreição e motim succedido em Aranjuez , não tenho difficuldade em admitti-la , e em reconhecer a V. A. R. como Rei de Hespanha. Desejo pois conferenciar com V. A. R. sobre este particular.

A circumspecção que de hum mez a esta parte tenho guardado neste assumpto deve convencer a V. A.
do

do apoio que achará em mim, se jámais succedesse, que facções de qualquer especie viessem inquieta-lo em seu Throno. Quando ElRei Carlos me participou os successos do mez de Outubro proximo passado, elles me causarão o maior sentimento, e me lisonjeo de haver contribuido por minhas insinuações ao bom exito do assumpto do Escorial. V. A. R. não está isento de faltas: basta para prova a Carta que me escreveo, e que sempre tenho querido esquecer. Sendo Rei saberá quão sagrados são os direitos do Throno: qualquer passo de hum Principe hereditario junto de hum Soberano Estrangeiro he criminoso. O Matrimonio de huma Princeza Franceza com V. A. R. o julgo conforme aos interesses de meus Povos, e sobre tudo com huma circumstancia que me uniria com vinculos novos a huma Casa, a quem não tenho senão motivos de estima, e de louvor, desde que subi ao Throno. V. A. R. deve recar-se das consequencias das emoções populares: poder-se-ha commetter algum assassinato sobre meus soldados esparzidos; porém isto só attrahirá a ruina da Hespanha. Hei visto com sentimento, que se tem feito circular em Madrid humas Cartas do Capitão General da Catalunha, e que se ha procurado exasperar os animos. V. A. R. conhece todo o interior do meu coração: observará que me acho combatido por varias idéas que necessitão fixar-se; porém póde estar seguro de que em todo o caso me conduzirei com sua Pessoa do mes-

mo modo que o tenho feito com ElRei seu Pai. Esteja V. A. persuadido do meu desejo de conciliar tudo, e de encontrar occasiões de dar-lhe provas de meu affecto, e perfeita estimação. Com o que rogo a Deos vos conserve, Irmão meu, em sua santa e digna guarda. Em Bayona a 16 de Abril de 1808.

Firmado = Napoleão.

N.º IV.

Instrucções dadas ao Ex.ºo Senhor D. Pedro Labrador.

EX.ºO SENHOR

Vossa Excellencia está inteirado das proposições feitas pelo General Savary no mesmo dia em que chegou El-Rei a esta Cidade, e do occorrido na conferencia, em que as discuti com o Ministro das Relações exteriores. As proposições novamente feitas por este, algum tanto differentes, ainda que não menos repugnantes, são do theor seguinte:

- 1.ª Que tem determinado o Imperador irrevogavel-
men.

mente, que não reine já em Hespanha a dynastia de Borbon.

2.^a Que o Rei deverá ceder seu Direito Pessoal á Coroa por si, e por seus Filhos se os tiver.

3.^a Que no caso que convenha nisto, se lhe conferirá para si e seus descendentes a Coroa de Etruria *com a Lei Sálica*.

4.^a Que o Infante D. Carlos fará a mesma renuncia de seus Direitos, e os terá á Coroa de Etruria na falta de descendencia d'ElRei.

5.^a Que o Reino de Hespanha será possuido daqui em diante por hum dos Irmãos do Imperador.

6.^a Que o Imperador se constitue por garante de sua integridade total, e da de todas as suas Colonias, sem a segregação de huma só aldéa.

7.^a Que igualmente se constitue por garante da conservação da Religião, das propriedades &c.

8.^a Que se ElRei não accetar este Tratado, ficará sem compensação; e S. M. I. o fará executar de descendencia ou por força.

9.^a Que se S. M. lhe convem, e pede o enlaçar-se com a sua Sobrinha, se assegurará este enlace logo que se firme o Tratado.

Tem-se discutido estas proposições na Junta presidida por ElRei : expuz nella meu modo de pensar, que foi adoptado por Vossa Excellencia, e mais Senhores Vogaes, e approvado por S. M., que quer se for-

mem as instrucções para Vossa Excellencia segundo seu theor.

Vossa Excellencia sabe que promessas mui lisonjeiras , e seguranças as mais satisfatorias dadas a ElRei pelo Grão Duque de Berg , pelo Embaixador de França , e pelo General Savary de Ordem do Imperador , em quanto a que este nenhuma repugnancia poria em reconhecê-lo como Soberano das Hespanhas , e que nada desejava em prejuizo da integridade de seu Reino , arrancarão a S. M. de Madrid para obsequiar a seu íntimo Alliado , a quem se suppunha , pelas noticias que espalháraõ tres sujeitos , dentro de Hespanha e em direcção a Madrid , onde se lhe havia preparado hum digno alojamento. Dilatou-se a viagem do Imperador ; e S. M. , seduzido por novas seguranças dadas pelo General Savary em nome de S. M. I. , continuou a sua até esta Cidade.

Deverá Vossa Excellencia perguntar a Mr. de Champagni se ElRei se acha em plena liberdade ; em cujo caso S. M. poderá regressar a seus Reinos para ouvir o Plenipotenciario que nomear o Imperador. No caso contrario , Vossa Excellencia sabe que todo o acto he de notoria nullidade ; e por conseguinte o de que se trata não teria outro effeito que o de manchar a reputação do Imperador á vista de todo o mundo , que tem os olhos fitos sobre as suas acções , e a quem consta o que a Hespanha tem feito em favor da França.

Te-

Tenho manifestado a Vossa Excellencia o Tratado de 27 de Outubro ultimo, pelo qual tem garantido o Imperador a integridade das Hespanhas em seu Rei, com o titulo de Imperador das Americas. Nenhuma causa ha sobrevindo que possa destruir tal Tratado; antes ao contrario a Hespanha tem attrahido novos titulos ao reconhecimento da França.

ElRei está resolutto a não condescender com as solicitações do Imperador: nem sua reputação, nem o que deve a seus Vassallos o permitem: não póde obrigar a estes a que reconheção a dynastia de Napoleão; nem menos privá-los do Direito que tem a eleger outra Familia Soberana, quando se extingua a que actualmente reina.

Não he menos repugnante a ElRei o admittir a compensação da Coroa de Etruria; pois além de ter esta seu legitimo Soberano, a quem não deve prejudicar, S. M. está satisfeito com a Coroa que lhe ha dado a Providencia; e não quer separar-se de huns Vassallos, a quem ama com ternura de Pai, e de quem tem recebido as provas menos equivocadas do mais respeitoso amor.

Se por esta negativa o Imperador se crê authorisado a usar dos meios da força, S. M. espera que a Divina Justiça, dispensadora dos Thronos, protegerá sua boa causa e a de seus Reinos.

Como Vossa Excellencia está penetrado destes prin-
ci-

cipios , e os tem desenvolvido com a energia que dá a justiça ao homem de probidade , e amante de seu Rei e de sua Patria , he ocioso que eu me diffunda em prolongadas instrucções inuteis para hum Ministro , de cujo Patriotismo e amor aos Reaes interesses está El-Rei bem persuadido.

Deos Guarde a Vossa Excellencia muitos annos.
Bayona 27 de Abril de 1808. = Pedro Cevallos. = Senhor D. Pedro Gomes Labrador.

N.º V.

Officio passado ao Ministro de Estado do Imperador pelo Senhor D. Pedro Cevallos em 28 de Abril de 1808.

EX. MO SENHOR.

A Inda que até agora se tenha contido a agitação de animo em que se acha toda a Nação Hespanhola , por ter visto impressos e proclamados pelo Grão Duque de Berg , e por todos os Generaes Francezes , que se achão na Hespanha , os sentimentos de paz , amizade , e boa harmonia , que S. M. o Imperador dos Francezes e
Rei

Rei de Italia desejava conservar com ElRei meu Amo, e porque tem sabido mais as seguranças, que o Embaixador de S. M. I. em Madrid, o Grão Duque de Berg, e o General Savary derão a S. M. da proxima vinda do Imperador á dita Villa, com cujo motivo se determinou ElRei a sahir-lhe ao encontro até Burgos, para dar-lhe esta pública demonstração de seu affecto, e do alto apreço que fazia de sua augusta Pessoa; não póde já responder-se por mais tempo pela tranquillidade de tantos Povos, maiormente sabendo todos, que seu Rei se acha ha seis dias em Bayona, e não tendo noticia alguma de seu regresso á Hespanha. Neste estado não póde menos S. M. de desejar a quietação de seus amados Vassallos, e restituir-se com este objecto a seu seio, para aclamar sua agitação, e attender ao grave pezo dos negocios, tanto mais que do contrario exporia seus Povos a males incalculaveis, cuja responsabilidade pezaria eternamente sobre seu coração. ElRei o prometteo assim a seus Povos, do modo mais solemne, em consequencia das seguridades, que o Imperador deo sobre o restituir-se muito em breve á Hespanha, reconhecido por S. M. I.

Em consequencia me manda S. M. communicar a V. Excellencia estas idéas, para que se sirva faze-las presentes a S. M. I., cujo applauso merecerão sem dúvida; sem que por isto pertenda ElRei meu Amo deixar de continuar tratando em Hespanha com S. M. I.

sobre os pontos que tenha por inconvenientes, com a pessoa que para esse effeito authorize (1).

N.º VI.

Real Decreto dirigido ao Supremo Conselho de Castilha pelo Senhor D. Fernando VII.

Pouco tempo depois de se ter encarcerado a pessoa do Principe da Paz, se fizerão as mais frequentes e efficazes instancias pelo Grão Duque de Berg, pelo Embaixador de França, e pelo General Savary, em nome do Imperador, meu íntimo Alliado, para que o mandasse entregar ás Tropas Francezas, a fim de que estas o conduzissem a França, onde S. M. I. o mandaria julgar pelas offensas que tinha recebido do dito Prin-

(1) Este Officio não foi contestado, e produziu hum effeito mui contrario do que devia esperar-se n'hum regular de successos: tal foi o de se dobrarem os espias de dentro, e as guardas de fóra do Palacio d'ElRei, que soffreo por duas noites o insulto de hum angazil, que desde a porta da rua obrigou a S. M., e ao Senhor Infante D. Carlos a que retrocedessem para seus alojamentos. Do primeiro insulto se formou queixa muito energética: o Governo deo boas palavras; manifestou muito desagrado; porém nem por isso se evitou a segunda offensa, e estas provavelmente se terião repetido se S. M. não se tivesse abtido de sahir de noite de seu Palacio.

Principe da Paz. Estas solicitações as mais das vezes foram acompanhadas com a ameaça de arrebatá-las, em caso de negativa, o preço pela força. Em Vitoria se repetirão com igual vigor; e desejando tomar sobre este particular a determinação mais conveniente, consultei o Duque do Infantado, o de S. Carlos, a D. João Escoiquiz, e a D. Pedro Cevallos, meu primeiro Secretario de Estado. Em consequencia fallou este Ministro, dizendo: Senhor, se desse ouvidos a meus sentimentos pessoaes, desde logo me inclinaria á entrega da pessoa do Principe da Paz; porém estes sentimentos devem suffocar-se, como com effeito os suffoco, quando se trata de fixar as obrigações em que está V. M. de desagravar sua Sagrada Pessoa, e de administrar justiça aos Vassallos offendidos por D. Manoel de Godoi. Esta obrigação he essencial á Soberania; e não póde o Soberano prescindir della sem atropellar quanto ha de mais respeitavel entre os homens. Neste conceito creio deve contestar-se o Imperador, inteirando-o ao mesmo tempo de que V. M. tem offerecido a seus Augustos Pais de perdoar ao Principe da Paz a pena de morte, se o Conselho o condemnar a ella; e que em cumprimento desta offerta, sem exceder a authoridade que lhe concedem as Leis, dará V. M. ao Mundo hum signal de magnanimidade, a seus Amados Pais huma prova de seu affecto, e o Imperador ficará satisfeito vendo com quanta Sabedoria concilia V. M. os

deveres da justiça com as vistas que reclamão suas relações com S. M. I. e R.

Todos os mais adoptarão tão prudente dictame; e eu não hesitei hum momento em abraça-lo, e em prover nelle com circunspecção.

Eu o communico ao Conselho reservadamente, assim para sua intelligencia e Governo, como para que tome as medidas mais activas para pôr a coberto de todo o movimento popular as casas e familias dos indicados quatro sujeitos. = Eu ElRei. = Em Bayona a 26 de Abril de 1808. = Ao Decano do Conselho.

N.º VII.

*Carta d'ElRei Nosso Senhor a seu Pai o Senhor
D. Carlos IV.*

Venerado Pai e Senhor: V. M. tem convido em que Eu não tive a menor influencia nos movimentos de Aranjuez, dirigidos, como he notorio, e a V. M. consta, não a desgosta lo do Governo e do Throno, senão a que se mantivesse nelle, e não abandonasse a multidão daquelles, que em sua existencia dependião absolutamente do mesmo Throno. V. M. me disse igualmente, que sua abdicacção fòra espontanea; e que ainda

da quando me assegurassem o contrario , não o acreditasse , pois que já mais havia firmado cousa alguma com tanto gosto. Agora me diz V. M. , que ainda que he certo que fizera a abdicção com toda a liberdade , com tudo se reservou em seu animo voltar a tomar as rédeas do Governo , quando o julgasse conveniente. Tenho perguntado em consequencia a V. M. se quer tornar a Reinar , e V. M. me ha respondido , que nem queria Reinar , nem menos voltar á Hespanha. Não obstante manda-me V. M. que renuncie em seu favor a Coroa , que me tem dado as Leis fundamentaes do Reino , mediante sua espontanea abdicção. A hum Filho , que sempre se tem distinguido pelo amor , respeito , e obediencia a seus Pais , nenhuma prova que possa qualificar estas qualidades he violenta á sua piedade filial , principalmente quando o cumprimento dos meus deveres com V. M. , como Filho seu , não estão em contradicção com as relações , que como Rei me ligão a meus amados Vassallos. Para que nem estes , que tem o primeiro direito a minhas intenções , fiquem offendidos , nem V. M. descontente de minha obediencia , estou prompto , attentas as circumstancias em que me acho , a fazer a renúncia de minha Coroa em favor de V. M. debaixo das seguintes condições.

1.^a Que V. M. volte a Madrid , até onde o acompanharei , e servirei como seu filho mais respeitoso.

2.^a Que em Madrid se reuniráõ as Cortes; e pois que

V. M. recusa huma congregação tão numerosa , convocar-se-hão para esse effeito todos os Tribunaes , e os Deputados do Reino. 3.^a Que á vista desta Assembléa se formalizará minha renuncia , expondo os motivos que a ella me conduzem : estes são , o amor que tenho a meus Vassallos , e o desejo que tenho de corresponder ao que me professão , procurando-lhes a tranquillidade , e redemindo-lhes os horrores de huma guerra civil por meio de huma renuncia dirigida a que V. M. volte a impunhar o Sceptro , e a reger huns Vassallos dignos de seu amor , e protecção. 4.^a Que V. M. não levará comsigo pessoas , que justamente tenham sujeitado o odio da Nação. 5.^a Que se V. M. , como me tem dito , não quer reinar , nem tornar á Hespanha , em tal caso Eu governarei em seu Real Nome como seu Lugar-Tenente. Nenhum outro póde ser a Mim preferido : tenho o chamamento das Leis , o voto dos Povos , o amor de Meus Vassallos , e ninguem póde interessar-se em sua prosperidade com tanto zelo , nem com tanta obrigação como Eu. Contrahida minha renuncia a estas limitações , comparecerá aos olhos dos Hespanhoes , como huma prova de que prefiro o interesse de sua conservação á gloria de governa-los ; e a Europa me julgará digno de reger huns Povos , a cuja tranquillidade hei sabido sacrificar quanto ha de mais lisonjeiro , e seductor entre os homens. Deos Guarde a importante Vida de V. M. os muitos e felizes annos ,
que

que lhe pede prostrado aos Reaes pés de V. M. seu
mais amante e rendido filho = FERNANDO = *Pedro Ce-*
vallos. = Bayona o 1. de Maio de 1808.

N.º VIII.

*Carta do Senhor D. Carlos IV. a seu Filho o Senhor
D. Fernando VII.*

Filho meu : os conselhos perfidos dos homens que
vos rodeão tem conduzido a Hespanha a huma situa-
ção crítica ; só o Imperador póde salva-la.

Desde a paz de Basilea tenho conhecido que o pri-
meiro intento de meus Povos era inseparavel de conser-
vação de boa ietelligencia com a França. Nenhum sa-
crificio tenho omittido para obter este importante obje-
cto : ainda quando a França se achava dirigida por go-
vernos efimeros , suffoquei minhas inclinações particu-
lares para não escutar senão a politica e o bem de meus
Vassallos.

Quando o Imperador teve restabelecido a boa or-
dem na França , se dissiparão grandes sobresaltos , e
tive novos motivos para conservar-me fiel ao meu sys-
tema de alliança. Quando a Inglaterra declarou a guer-
ra á França , logrei felizmente ser neutral , e conservar

a meus povos os beneficios da paz. Apoderou-se depois de quatro Fragatas minhas , e me fez a guerra ainda antes de havella declarado ; então me vi precisado a oppôr a força á força , e as calamidades da guerra assaltárão a meus Vassallos.

A Hespanha rodeada de costas , e que deve huma grande parte de sua prosperidade a suas possessões Ultramarinas , soffreo com a guerra mais do que qualquer outro Estado : a interrupção do Commercio , e todos os estragos que ella attrahe , affigirão meus Vassallos , e certo número delles teve a injustiça de attribuilos a meus Ministros.

Tive ao menos a felicidade de ver-me tranquillo por terra , e livre de inquietação quanto á integridade de minhas provincias , sendo o unico dos Reis da Europa , que se sustinha no meio das borrascas destes ultimos tempos. Ainda gozaria desta tranquillidade sem os conselhos que vos hão desviado do caminho recto. Vós vos tendes deixado seduzir com demasiada facilidade pelo odio que vossa primeira mulher tinha á França ; e haveis participado inflexivamente de seus injustos sentimentos contra meus Ministros , contra vossa Mãe , e contra Mim mesmo.

Julguei-me obrigado a recordar meus Direitos de Pai e de Rei : mandei prender-vos , e achei nos vossos papeis a prova de vosso delicto ; mas proximo a finalizar minha carreira , reduzido á dor de ver perecer meu

Fi-

Filho n'hum cadafalso , me deixei levar de minha sensibilidade , avistando as lagrimas de vossa Mãi , e vos perdoei. Não obstante , meus Vassallos estavam agitados pelas prevenções enganosas da facção , de que vos tendes declarado Chefe. Desde este instante perdi a tranquillidade da minha vida , e me vi precisado a unir as penas , que me causavão os males de meus Vassallos , aos pezares que devi ás dissensões de minha mesma Família.

Calumniavão-se meus Ministros junto ao Imperador dos Francezes , o qual pensando que os Hespanhoes se reparavão de sua alliança , e vendo os espiritos agitados (ainda no seio de minha familia) cobrio , debaixo de varios pretextos , meus Estados com suas Tropas. Em quanto estas occupavão a margem direita do Ebro , mostrando ter por objecto o manter a communicação com Portugal , tive a esperança de que não abandonaria os sentimentos de apreço , e de amizade que sempre me havia liberalizado ; porém ao ver que suas Tropas se encaminhavão até á minha Capital , conheci a urgencia de reunir meu Exercito em torno de minha pessoa , para apresentar-me a meu Augusto Alliado como convem ao Rei das Hespanhas. Tendo aclarado suas dúvidas , e regulado meus interesses ; dei ordem ás minhas Tropas para sahirem de Portugal e de Madrid ; e as reuni sobre varios pontos de minha Monarquia , não para abandonar meus Vassallos , mas para sustentar di-

dignamente a gloria do Throno. Demais, minha larga experiencia me dava a conhecer que o Imperador dos Francezes podia muito bem ter algum desejo conforme a seus interesses, e á politica do vasto systema do Continente, sem que estivesse em contradicção com os interesses de minha Casa. Qual tem sido nestas circumstancias vossa conducta? O haver introduzido a desordem no meu Palacio, e amotinado o Corpo de Guardas de Corpos contra minha Pessoa. Vosso Pai tem sido vosso prizioneiro: meu primeiro Ministro, que Eu tinha criado, e adoptado em minha Familia, coberto de sangue, foi conduzido de hum a outro carcere. Haveis desdourado minhas cãs, e as tendes despojado de huma Coroa possuida com gloria por meus Pais, e que Eu tinha conservado sem mancha. Tendes-vos sentado sobre meu Throno, e vos puzestes á disposicão do Povo de Madrid, e de Tropas estrangeiras, que naquelle momento entravão.

Já a conspiraçã do Escorial tinha obtido suas vistas: os actos de minha administração erã o objecto do desprezo público. Velho e opprimido de enfermidades, não tenho podido sobrelevar esta nova desgraça. Hei recorrido ao Imperador dos Francezes, não como hum Rei á frente de suas Tropas, e no meio da pompa; mas sim como hum Rei infeliz, e abandonado. Tenho achado protecção e refugio em sua magnanimidade: lhe devo a vida, a da Rainha, e a de
meu

meu primeiro Ministro. Tendo vindo finalmente até Bayona ; e haveis conduzido este negocio de maneira , que todo depende da mediação , e da protecção deste grande Principe.

Pensar em recorrer a agitações populares he arruinar a Hespanha , e a conduzir ás castastrofes mais horrozas a vós , ao meu Reino , aos meus Vassallos , e á minha Familia. Meu coração se tem manifestado abertamente ao Imperador : elle conhece todos os ultrajes , que tenho recebido , e as offensas que se me tem feito. Tem-me declarado que não vos reconhecerá já mais como Rei , e que o inimigo de seu Pai , nunca poderá inspirar confiança aos estranhos. Me ha mostrado tambem cartas de vossa mão , que fazem ver claramente vosso odio á França.

Nesta situação , meus direitos são claros , e muito mais meus deveres. Não derramar o sangue dos meus Vassallos , nada fazer nos meus ultimos dias , que possa causar estrago e incendio á Hespanha , reduzindo-a á mais horrivel miseria. Certamente , que se fiel a vossas primeiras obrigações tivesses desprezado os conselhos pérfidos , e constantemente sentado ao meu lado para minha defesa , tivesses esperado o curso regular da natureza , que devia signalar vosso posto , dentro de poucos annos , Eu teria podido conciliar a politica , e os interesses de Hespanha com os de todos. Sem dúvida , ha seis mezes que as circunstancias tem sido críti-
L cas ;

cas ; porém por mais que o hajão sido , ainda tivera obtido das disposições de meus Vassallos , dos deveis meios , que ainda tinha , e da força moral que houvera adquirido , apresentando-me dignamente ao encontro de meu Alliado , a quem nunca déra motivo algum de queixa , Eu diligenciaria hum ajuste , que teria conciliado os interesses dos meus Vassallos com os de minha Familia. Vós pelo contrario, arrancando-me a Coroa , tendes desfeito a vossa , despojando-a de quanto tinha de mais augusta , e a fazia sagrada a todo o mundo.

Vossa conducta comigo , vossas cartas interceptadas tem posto huma barreira de bronze entre vós , e o Throno de Hespanha ; e não he do vosso interesse , nem do da Patria , que pertendais reinar. Guardai-vos de incender hum fogo , que causaria inevitavelmente vossa completa ruina , e a desgraça de Hespanha.

Eu sou Rei pelo direito de meus Pais : minha abdicção he o resultado da força , e da violencia : não tenho pois nada que receber de vós , nem menos posso consentir em nenhuma reunião em Junta : nova , e nesca suggestão dos homens sem experiencia que vos acompanhão.

Tenho Reinado para a felicidade de meus Vassallos , e não quero deixar-lhes a guerra civil , os motins , as juntas populares , e a revolução. Tudo deve praticar-se para o Povo , e nada por elle : esquecer esta maxima he tornar-se complice de todos os delictos que
lhe

lhes são inherentes. Tenho-me sacrificado toda a minha vida pelos meus Povos; e na idade em que estou nada farei que se opponha á sua Religião, á sua tranquillidade, e á sua dita. Tenho Reinado para elles: constantemente me occuparei delles: esquecerei todos os meus sacrificios; e quando finalmente esteja seguro que a Religião de Hespanha, a integridade de suas Provincias, sua independencia, e seus Privilegios serão conservados, descerei ao sepulchro perdoando-vos a amargura de meus ultimos annos.

Dado em Bayona no Palacio Imperial, chamado do Governo, aos 2 de Maio de 1808. = CARLOS.

N.º IX.

Carta que o Senhor Rei D. Fernando VII. escreveu a seu Augusto Pai em resposta á antecedente.

S E N H O R.

MEu venerado Pai e Senhor: Tenho recebido a carta que V. M. se dignou escrever-me com data d'antes de hontem, e tratarei de responder a todos os pontos que abraça com a moderação e respeito devido a V. M.

Trata V. M. em primeiro lugar de justificar sua conducta politica com respeito á França desde a paz

de Basilea ; e na verdade creio que não terá havido na Hespanha quem della se tenha queixado : antes ao contrario todos unanimemente tem louvado a V. M. por sua constancia e fidelidade nos principios que havia adoptado. Os meus neste particular são inteiramente identicos aos de V. M., e disto tenho dado provas irrefragaveis desde o momento que V. M. abdicou em Mim sua Coroa.

A causa do Escorial , que V. M. dá a entender tivesse por origem o odio que minha mulher me havia inspirado contra a França , contra os Ministros de V. M., contra minha amada Mãe , e contra V. M. mesmo , se se tivesse seguido por todos os termos legaes , haveria provado evidentemente o contrario ; e não obstante não ter Eu a menor influencia , nem mais liberdade que a apparente , em que estava guardado á vista pelos criados , que V. M. quiz me servissem de sentinellas , os onze Conselheiros elegidos por V. M. forão unanimemente de parecer , que não havia motivo de accusação , e que os suppostos réos estavam innocentes.

V. M. falla da desconfiança que lhe causava a entrada de tantas Tropas estrangeiras na Hespanha , e de que se V. M. havia chamado as que tinha em Portugal , e reunido em Aranjuez e seus suburbios as que havia em Madrid , não era para abandonar a seus Vassallos , mas sim para sustentar a gloria do Throno. Permitta-me V. M. lhe faça presente , que não devia

sobresalta-lo a entrada de humas Tropas amigas e aliadas , e que debaixo deste conceito devião inspirar huma total confiança. Permitta-me V. M. ponderar-lhe igualmente , que as ordens communicadas por V. M. forão para a sua viagem , e a de sua Real Familia a Sevilha : que as Tropas se havião postado para manter livre aquelle caminho ; e que não havia huma só pessoa que não estivesse persuadida , de que o fim de quem dirigia tudo , era transportar a V. M. , e sua Real Familia á America. V. M. mesmo publicou hum Decreto para socegar o animo de seus Vassallos sobre este particular ; porém como continuassem a estar embargadas as carruagens , e apostados os tiros , e se vião todas as disposições de huma proxima viagem á Costa de Andaluzia , a desesperação se apoderou dos animos , e resultou o movimento de Aranjuez. A parte que eu tive nelle , V. M. sabe que não foi outra que ir por seu mandado a salvar do Povo o objecto de seu odio , porque o considerava author da viagem.

Pergunte V. M. ao Imperador dos Francezes , e S. M. I. lhe dirá sem dúvida o mesmo que me disse a mim n'huma Carta que me escreveu a Vitoria ; a saber : que o objecto da viagem de S. M. I. e R. a Madrid era induzir a V. M. a algumas refórmas , e a que separasse de seu lado ao Principe da Paz , cuja influencia era a causa de todos os males.

O entusiasmo que sua detenção produz em toda

a Nação , he huma prova evidente do mesmo que disse o Imperador. Quanto ao mais V. M. he ocular testemunha de que no meio da fermentação de Aranjuez não se ouviu huma só palavra contra V. M. , nem contra pessoa alguma de sua Real Familia ; ao contrario applaudirão a V. M. com as maiores demonstrações de júbilo , e de fidelidade á sua Augusta Pessoa. He assim que a abdição da Coroa , que V. M. fez em meu favor , surpredeo a todos , e a mim mesmo , porque ninguem o esperava , nem eu a havia solicitado. V. M. mesmo communicou sua abdição a todos os seus Ministros , dando-me a reconhecer a elles por seu Rei e Senhor natural ; participou verbalmente ao Corpo Diplomatico , que residia junto á sua Pessoa , manifestando-lhe , que sua determinação procedia de sua espontanea vontade , e que a tinha tomada d'antemão. Isto mesmo disse V. M. a seu muito amado Irmão o Infante D. Antonio , acrescentando-lhe , que a firma que V. M. tinha posto no Decreto de abdição , era a que havia feito com mais satisfação em sua vida ; e ultimamente me disse V. M. a mim mesmo tres dias depois , que não julgasse que a abdição havia sido involuntaria , como alguns dizião , pois tinha sido totalmente livre e espontanea.

Meu supposto odio contra a França , tão longe de apparecer por nenhum lado resulta dos factos , que vou a recordar rápidamente.

Ape-

Apenas abdicou V. M. a Coroa em meu favor, dirigi varias Cartas desde Aranjuez ao Imperador dos Francezes, as quaes são outros tantos protestos de que meus sentimentos com respeito ás relações de amizade e estreita alliança, que felizmente subsistião entre ambos os Estados, erão os mesmos que V. M. me havia inspirado, e havia observado inviolavelmente. Minha viagem a Madrid foi outra das maiores provas que pude dar a S. M. I. e R. da confiança illimitada que me inspirava, posto que havendo entrado o Principe Murat no dia anterior em Madrid com huma grande parte de seu Exercito, e estando a Villa sem guarnição, foi o mesmo que entregar-me nas suas mãos. Aos dous dias de minha residẽcia na Corte se me deo conta da correspondencia particular de V. M. com o Imperador dos Francezes, e achei que V. M. lhe tinha pedido recentemente huma Princeza de sua familia para enlaça-la comigo, e assegurar mais deste modo a união e estreita alliança que reinava entre os dous Estados. Conforme inteiramente com os principios e com a vontade de V. M., escrevi huma Carta ao Imperador pedindo-lhe a Princeza por Esposa.

Enviei huma Deputação a Bayona para que cumprimentasse em Meu Nome a S. M. I. e R.: fiz que partisse pouco depois meu querido Irmão o Infante D. Carlos, para que o obsequiasse na Fronteira, e não contente com isto, sahi Eu mesmo de Madrid, em

con-

consequencia das seguranças que me havia dado o Embaixador de S. M. I., o Grão Duque de Berg e o General Savary, que acabava de chegar de París, e me pedio huma audiencia, para dizer-me de parte do Imperador, que S. M. I. não desejava saber outra cousa de Mim, senão se meu systema com respeito á França seria o mesmo que o de V. M., em cujo caso o Imperador me reconheceria como Rei de Hespanha, e prescindiria de tudo o mais. Cheio de confiança nestas promessas, e persuadido de encontrar no caminho a S. M. I. vim até esta Cidade; e no mesmo dia em que cheguei se fizeram verbalmente proposições a alguns sujeitos de minha comitiva, tão alheias do que até então se tinha tratado, que nem minha honra, nem minha consciencia, nem os deveres a que me comprometti quando as Cortes me jurarão por seu Principe e Senhor, nem os que me impuz novamente quando acceitei a Coroa, que V. M. houve por bem abdicar em meu favor, me tem permittido acceder a ellas.

Não comprehendo como podem achar-se Cartas minhas em poder do Imperador, que confirmem meu odio contra a França depois de tantas provas de amizade que lhe tenho dado, e não havendo escrito Eu cousa alguma que o indique.

Posteriormente se me tem manifestado huma cópia da protestação que V. M. fez ao Imperador sobre a nullidade da abdicção; e logo que V. M. chegou a

esta Cidade , perguntando-lhe Eu por este objecto , me disse V. M. que a abdicção havia sido legitima , ainda que não para sempre. Perguntei-lhe assim mesmo , porque não mo tinha dito quando a fez , e V. M. me respondeo , porque não havia querido ; do que se infere que a abdicção não foi violenta , e que Eu não pude saber que V. M. pensava em voltar a tomar as redeas do Governo. Tabem me disse V. M. , que nem queria Reinar , nem tornar a Hespanha.

Apezar disto , na Carta que tive a honra de dirigir a V. M. , manifestava estar disposto a renunciar a Coroa em seu favor , mediante a reunião das Cortes , ou na falta destas , dos Conselheiros e Deputados dos Reinos ; não porque o julgasse necessario para dar valor á renuncia , mas porque o supponho mui conveniente para evitar a repugnancia desta novidade , capaz de produzir choques , e partidos , e para salvar todas as considerações devidas á dignidade de V. M. , á minha honra , e á tranquillidade dos Reinos.

No caso de que V. M. não queira Reinar por si , Reinarei Eu em seu Real Nome , ou no Meu , porque a ninguem corresponde senão a Mim o representar sua Pessoa , tendo , como tenho em Meu favor , o voto das Leis e dos Povos ; nem he possivel que outro algum tenha tanto interesse como Eu na sua prosperidade.

Repito a V. M. novamente que em taes circunstancias , e debaixo das ditas condições , estarei prom-

M

pto

pto a acompanhar a V. M. a Hespanha para fazer alli minha abdicção na referida fórma ; e em quanto ao que V. M. me ha dito de não querer voltar a Hespanha , peço-lhe com as lagrimas nos olhos , e por quanto ha de mais sagrado no Ceo e na Terra , que no caso de não querer com effeito Reinar , não deixe hum Paiz já conhecido , em que poderá eleger o clima mais analogo á sua debilitada saude , em o qual poderá desfrutar maiores commodidades , e tranquillidade de animo que em outro algum.

Rogo por ultimo a V. M. encarecidamente que se penetre de nossa situação actual , e de que se trata de excluir para sempre do Throno da Hespanha nossa dynastia , substituindo em seu lugar a Imperial de França : que isto não o podemos fazer sem o expresso consentimento de todos os individuos que tem e possuem ter direito á Coroa , nem tão pouco sem o mesmo expresso consentimento da Nação Hespanhola , reunida em Cortes , e em lugar seguro : que além disto , achando-nos em hum Paiz estranho , não haveria quem se persuadissemos que obravamos com liberdade , e só esta consideração annullaria quanto fizessemos , e poderia produzir fataes consequencias.

Antes de acabar esta Carta , permitta-me V. M. dizer-lhe , que os Conselheiros que V. M. chama perfidos , jámais me tem aconselhado cousa que desminta o respeito , amor e veneração que sempre tenho profes-

sado , e professo a V. M. , cuja importante vida rogo a Deos conserve felizes e dilatados annos. Bayona 4 de Maio de 1808. = Senhor. = Aos Reas Pés de V. M. = Seu mais humilde Filho = FERNANDO.



N.º X.

*Carta d'ElRei nosso Senhor a seu Pai o Senhor
D. Carlos IV.*

Venerado Pai e Senhor: Em o primeiro do corrente puz nas Reaes mãos de V. M. a renúncia de minha Coroa em seu favor. Julguei ser da minha obrigação modificá-la com as limitações convenientes ao decoro de V. M., á tranquillidade de meus Reinos , e á conservação de minha honra e reputação. Não sem grande surpresa tenho visto a indignação, que tem produzido no Real animo de V. M. humas modificações dictadas pela prudencia , e reclamadas pelo amor , de que sou devedor a meus Vassallos.

Sem mais motivo que este ha crido V. M. , que podia ultrajar-me na presença de minha venerada Mãi, e do Imperador com os titulos mais humilhantes ; e não conte com isto exige de mim que formalize a renúncia sem limites, nem condições, sobpena de que Eu , e quantos compoem minha comitiva seremos tratados como réos de conspiração. Em tal estado de cou-

sas faço a renúncia , que V. M. me ordena , para que volte o Governo da Hespanha ao estado em que se achava em 19 de Março , em que V. M. fez a abdição espontanea de sua Coroa em meu favor.

Deos Guarde a importante vida de V. M. os muitos annos que lhe deseja , prostrado aos Reaes Pés de V. M. , seu mais amante e rendido filho = FERNANDO = *Pedro Cevallos*. Bayona 6 de Maio de 1808.

N.º XI.

Nota do Ministro das Relações exteriores de França Mr. Champagni , em resposta a outra de D. Pedro Cevallos , em que se queixava de haver-se detido hum Correio de Gabinete despachado de Ordem do Senhor Rei D. FERNANDO VII. com prégos para Madrid , e lhe pedia rubricasse hum passaporte para outro.

O Ministro das Relações exteriores ha recebido a nota , que o Senhor de Cevallos lhe fez a honra de dirigir-lhe , queixando-se do impedimento que se tem posto á partida dos Correios de Sua Excellencia. Esta medida ha sido motivada pela notificação que S. M. I. lhe tem encarregado de fazer-lhe , de que não reconhece

ce outro Rei senão a Carlos IV. Disto resulta por consequencia , que o Imperador não pôde admittir em seu territorio nenhum acto , ou passaporte dado em nome de outro Rei ; e he pelo mesmo motivo , que elle Ministro não pôde rubricar o novo passaporte , que lhe tem enviado o Senhor de Cevallos. Porém se apressa a prevenir-lhe , que todas as cartas que levava o Correio que ha sido detido , tem sido entregues á administração Franceza de Correios , a qual cuidará de que se remettão a Burgos e a Madrid com a maior exactidão , e que se praticará o mesmo com todas as que os Hespanhoes , que estão em França , ou Hespanha quizerem fazer passar , já seja pelo Correio ordinario , ou já pelo Estafete Francez. Todas serão enviadas a seus destinos com huma escrupuloza pontualidade e exactidão ; e a correspondencia entre os dois estados , longe de experimentar o menor atraso , adquirirá huma nova actividade.

Mr. de Champagni , dirigindo por este bilhete ao Senhor de Cevallos este aviso , tem a honra de assegurar-lo da sua alta consideração (1).

Bayona 29 de Abril de 1808.

N.º

(1) Em quanto o Imperador solicitava d'ElRei que renunciasse em seu favor a Coroa , nenhuma difficuldade se achou em rubricar os passaportes que eu dava em seu Real Nome ; porém logo que o Governo Francez vio desvanecidas as suas esperanças , se negou a dar passe a todas as expedições de Correios.

N.º XII.

Renúncia que o Senhor D. Pedro Cevallos fez de seu emprego de Ministro de Relações exteriores, nas mãos de José Napoleão no dia 28 de Julho.

S E N H O R.

Quando V. M. teve a bondade de convidar-me a que continuasse no ministerio de Negocios Estrangeiros, persuadi-me que devia offerecer á sua consideração certas reflexões, segundo as quaes nem V. M. podia ter a menor confiança em mim, nem eu a menor segurança da protecção de V. M., pois que me achava ultrajado, e observado cuidadosamente pelo Imperador seu Augusto Irmão, de quem devia recear, que sua influencia no coração de V. M. não me seria de modo algum favoravel.

V. M. insistio na sua resolução, dizendo-me, que queria ter ao seu lado pessoas bem vistas da Nação; porém como eu não desejava mais que voltar á minha amada Patria, o que se me havia negado por espaço de dois mezes de inuteis instancias a S. M. I. e R., me foi preciso admittir a nomeação de V. M. para pôr.

pôr termo á triste separação , em que me achava de
minha familia , e de meus compatriotas , salvo o di-
reito que ninguem deve renunciar de seguir o voto da
maior parte da Nação , sempre que esta não quizesse
reconhecer a V. M. por seu Soberano. Depois tenho
feito ver a V. M. que a Hespanha quasi unanimemente
está opposta a reconhecê-lo por tal : se falta este titu-
lo , não resta outro em virtude do qual possa V. M.
ser Soberano destes Reinos. Neste estado eu atraçoaria
meus principios , se continuasse exercendo hum minis-
terio acceito em consequencia das referidas circunstan-
cias , e não por desejo de ter influencia alguma no
Governo de V. M. , que renunció desde logo para me
transportar ao meu retiro , onde consagrarei á minha
triste Patria meus votos e lagrimas pelos males que qui-
zera poder remediar para bem de huma Nação nobre ,
generosa , leal e bizarra.

APEN-

A P E N D I X

*Sobre o modo com que o Grão Duque de Berg surpren-
deo a Junta do Governo , para que lhe mandas-
se entregar a pessoa do prezo D. Manoel de Godoi.*

DEsde que o Grão Duque de Berg , Lugar-Tenente dos Exercitos do Imperador , poz os pés no territorio da Hespanha , procurou com o maior artificio esparzir a voz que vinha a fazer nosso bem , e procurar algumas refórnas uteis em nosso Governo , dando a entender com estudo , que protegeria a causa do Principe das Asturias , e expulsaria o Principe da Paz , objecto do odio universal da Nação. Não deixou tambem de derramar algumas especies sobre o grande influxo que a Rainha tinha nos negocios. Sabia muito bem que não era necessario mais para captar-se a benevolencia de todos os Hespanhoes opprimidos ; e como sua missão era dirigida , ao que depois se tem visto , he preciso convir em que o calculo do Imperador dos Francez , seu amo , não era mal fundado.

Porém como todas as cousas deste mundo estejam sujeitas a variações , occorrerão os movimentos , para sempre memoraveis , de Aranjuez , e transtornarão todo aquelle plano. Apenas os soube o Grão Duque de Berg

Berg , se propoz variar de meios , e affectou tomar hum grande interesse na sorte de D. Manoel de Godoi , com quem havia tido correspondencia da maior intimidade , ainda que não se conhecião pessoalmente. Não se occultou á sua sagacidade o grande empenho que tinham os Reis Pais em salvar a seu Favorito ; e assim he que começou desde logo a fazer as instancias mais efficazes para o libertar da prizão ; porém forão inuteis em quanto permaneceu em Madrid nosso Amado Rei Fernando VII. Nem por isto desmaiou o Grão Duque de Berg , pois apenas soube que S. M. tinha chegado a Burgos , quando renovou as suas instancias para obter o que havia intentado , ameaçando , em caso negativo , que usaria da força que tinha á sua disposição.

A Junta resistio não obstante os primeiros ataques , e consultou a ElRei o partido que deveria tomar em tão críticas circunstancias. S. M. houve por bem dizer-lhe o que acabava de responder sobre este particular ao Imperador dos Francezes , que havia solicitado directamente de S. M. a liberdade do prezo , e he o que se segue :

“ O Grão Duque de Berg e o Embaixador de V. M. I. e R. tem feito em differentes occasiões instancias verbaes para obter que D. Manoel de Godoi , prezo por crimes de Estado no Real Palacio de Villa Viçosa , seja posto á disposição de V. M.

” Nada me seria mais agradavel que o poder acceder á sua exigencia ; porém as consequencias que

» desta accessão podem resultar são tão graves , que
» me vejo na precisão de as expôr á prudente conside-
» ração de V. M.

» Por huma consequencia da obrigação em que
» estou de administrar justiça a meus povos , tenho or-
» denado ao mais respeitavel dos Tribunaes de meu
» Reino , que julgue segundo as Leis a D. Manoel
» Godoi , Principe da Paz. Hei promettido a meus Po-
» vos a publicação dos resultados de hum processo ,
» do qual depende a reparação da honra de hum gran-
» de número de meus Vassallos , e a preservação dos Di-
» reitos de minha Coroa. Em toda a extensão de meus
» Dominios não ha hum só povo , por pequeno que seja ,
» que não tenha elevado ao meu Throno suas queixas
» contra o prezo. Todos os meus Vassallos tem feito
» extraordinarias demonstrações de alegria no momento
» em que tiverão a noticia da prizão de D. Manoel
» de Godoi , e todos tem fitos os olhos sobre o procedi-
» mento e decisão de sua causa.

» V. M. , tão sabio Legislador , como grande
» Guerreiro , poderá conhecer facilmente o pezo destas
» considerações. Mas se V. M. se interessa pela vida
» de D. Manoel de Godoi , Eu lhe dou minha Palavra
» Real de que , no caso de que , depois do exame
» mais rigoroso , seja condemnado á pena de morte ,
» Eu o indultarei della por consideração á mediação de
» V. M. I.

Deos

„ Deos guarde a vida de V. M. I. muitos annos
„ Vitoria 18 de Abril de 1808. = FERNANDO. “

Previne demais á Junta, de Real ordem, com a
mesma data “ que se o Grão Duque de Berg renovas-
„ se suas instancias em favor de Godoi, respondesse
„ que este negocio se tratava entre os dois Soberanos,
„ e que dependia exclusivamente da resolução d’ElRei. “
E tendo sabido S. M. que os Reis Pais, sem dúvida
mal informados, se havião queixado ao Grão Duque
do máo tratamento que se dava na prizão ao Principe
da Paz, me mandou S. M., apezar de que estava mui
seguro da delicadeza com que procedia o Marquez de
Castelar, que prevenisse o maior cuidado com a saude
do prezo, como o fiz com a mesma data.

Apenas recebeo o Imperador a Carta d’ElRei nos-
so Senhor, quando, com a sua costumada velhacaria,
abusou della, e escreveo ao Grão Duque de Berg, di-
zendo-lhe que o Principe das Asturias havia posto á
sua disposição o prezo D. Manoel de Godoi, mandan-
do-lhe que o reclamasse com energia. Não foi necessario
mais para que Murat, cujo character he naturalmente
violento e ousado, fizesse passar a seguinte nota á Jun-
ta do Governo:

„ Havendo S. M. o Imperador e Rei manifesta-
„ do a S. A. I. e R. o Grão Duque de Berg, que
„ S. A. R. o Principe das Asturias acabava de escre-
„ ver-lhe dizendo, que o fazia arbitro da sorte do Prin-

„ cipe da Paz ; S. A. me encarrega em consequencia que
„ faça sciente á Junta das intenções do Imperador,
„ que lhe repete a ordem de pedir a pessoa deste Prin-
„ cipe , e de enviar-lho a França.

„ Póde ser que esta determinação de S. A. R. o
„ Principe das Asturias não tenha chegado todavia á
„ Junta. Neste caso se deixa conhecer que S. A. R.
„ haverá esperado a resposta de S. M. o Imperador ;
„ porém a Junta comprehenderá que o responder ao
„ Principe das Asturias seria decidir huma questão
„ differente ; e já he sabido que S. M. I. não póde
„ reconhecer senão a Carlos IV.

„ Rogo pois á Junta se sirva de tomar esta nota
„ em consideração , e ter a bondade de instruir-me so-
„ bre este assumpto , para dar conta a S. A. I. o
„ Grão Duque da determinação que tomar.

„ O Governo e a Nação Hespanhola só acharáõ
„ nesta resolução de S. M. I. novas provas do interes-
„ se que toma pela Hespanha ; porque com o exter-
„ minio do Principe da Paz , quer tirar á malevolencia
„ os meios de crer possivel que Carlos IV. de novo
„ concedesse o poder , e sua confiança , ao que deve
„ tê-la perdido para sempre ; e por outra parte a Jun-
„ ta de Governo faz certamente justiça á nobreza dos
„ sentimentos de S. M. o Imperador , que não quer
„ abandonar a seu fiel Alliado.

„ Tenho a honra de offerecer á Junta a seguran-
ça

„ çã de minha alta consideração. = O General e Che-
„ fe do Estado Maior General, *Augusto Belliard*. =
„ Madrid 20 de Abril de 1808. „

Accrescentou de palavra tão atrozes , e inauditas ameaças , que a Junta , temerosa sem dúvida de que as realizasse , e se compromettesse a quietação de Madrid , teve a debilidade de acceder á proposta , e mandou ao Marquez de Castelar , de ordem d'ElRei , que aquella mesma noite entregasse o prezo ; como com effeito o fez , não sem muita repugnancia sua , e dos mais Officiaes que o guardavão.

Em honra da verdade he preciso dizer , que o Senhor Balio Fr. D. Francisco Gil , Secretario de Estado , e do Despacho da Marinha , e em consequencia individuo da Junta de Governo , se oppoz á entrega do prezo , porque ElRei não o authorizava.

Não he facil conceber como depois de huns factos tão positivos , como os que vão citados , procedesse a Junta de Governo a manifestar ao Conselho , e ao Público , por meio de duas Gazetas extraordinarias , que a entrega do Principe da Paz , se havia feito de ordem d'ElRei. Tão pouco o he , como pôde a mesma Junta querer subsanar sua debilidade , deslocando clausulas da correspondencia de officio , como , por exemplo , a que passou ao Conselho , e cita este Tribunal no seu manifesto fol. 14 da impressão em 4.º , que diz assim :

„ Pelo que respeita ao prezo D. Manoel de Godoi ,
doi ,

„ doi, me manda ElRei inteirar á Junta, para que fa-
„ ça desta noticia o uso conveniente, que faz S. M.
„ demasiado apreço dos desejos que tem manifestado
„ o Imperador dos Francezes, para não comprazer-
„ lhe usando ao mesmo tempo de generosidade em fa-
„ vor de hum Réo, que ha offendido sua Real Pes-
„ soa. „

Por pouco que se reflexione deverá vir-se no co-
nhecimento de que nesta supposta ordem não se pre-
vine a liberdade do prezo, senão que ElRei estava dis-
posto a usar de generosidade com elle por consideração
ao Imperador; e para saber que especie de generosida-
de era, basta recorrer ao Decreto que S. M. dirigio
ao Conselho, e que este Tribunal incorpora em seu
manifesto a fol. 15 da mesma edição. Com a mesma
data de 18 de Abril previne de Real Ordem ao Mar-
quez de Castelar, sem embargo de que S. M. estava
muito penetrado da equivocação que padecião os Reis
Pais, que cuidasse da saude do prezo; e se ao mesmo
tempo houvesse mandado ElRei que a Junta do Go-
verno o puzesse em liberdade, teria sido ociosa, e ain-
da ridicula semelhante prevenção. Além disto quando
a Junta do Governo deo conta a ElRei das considera-
ções, e motivos que teve para pôr em liberdade o pre-
zo, que forão as mesmas que ficão referidas S. M. me
mandou responder-lhe nos termos seguintes:

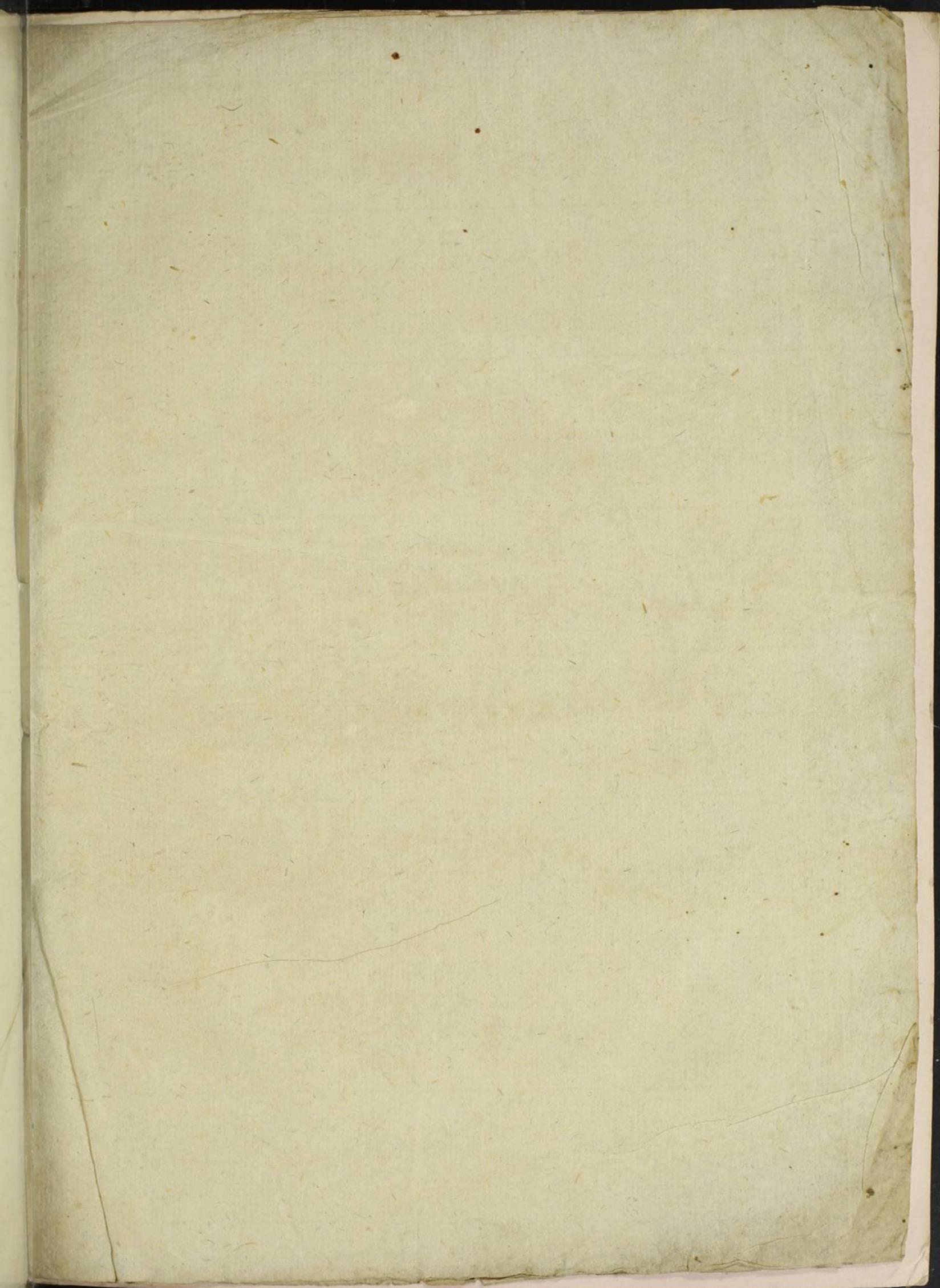
„ ElRei fica inteirado dos motivos que ha tido

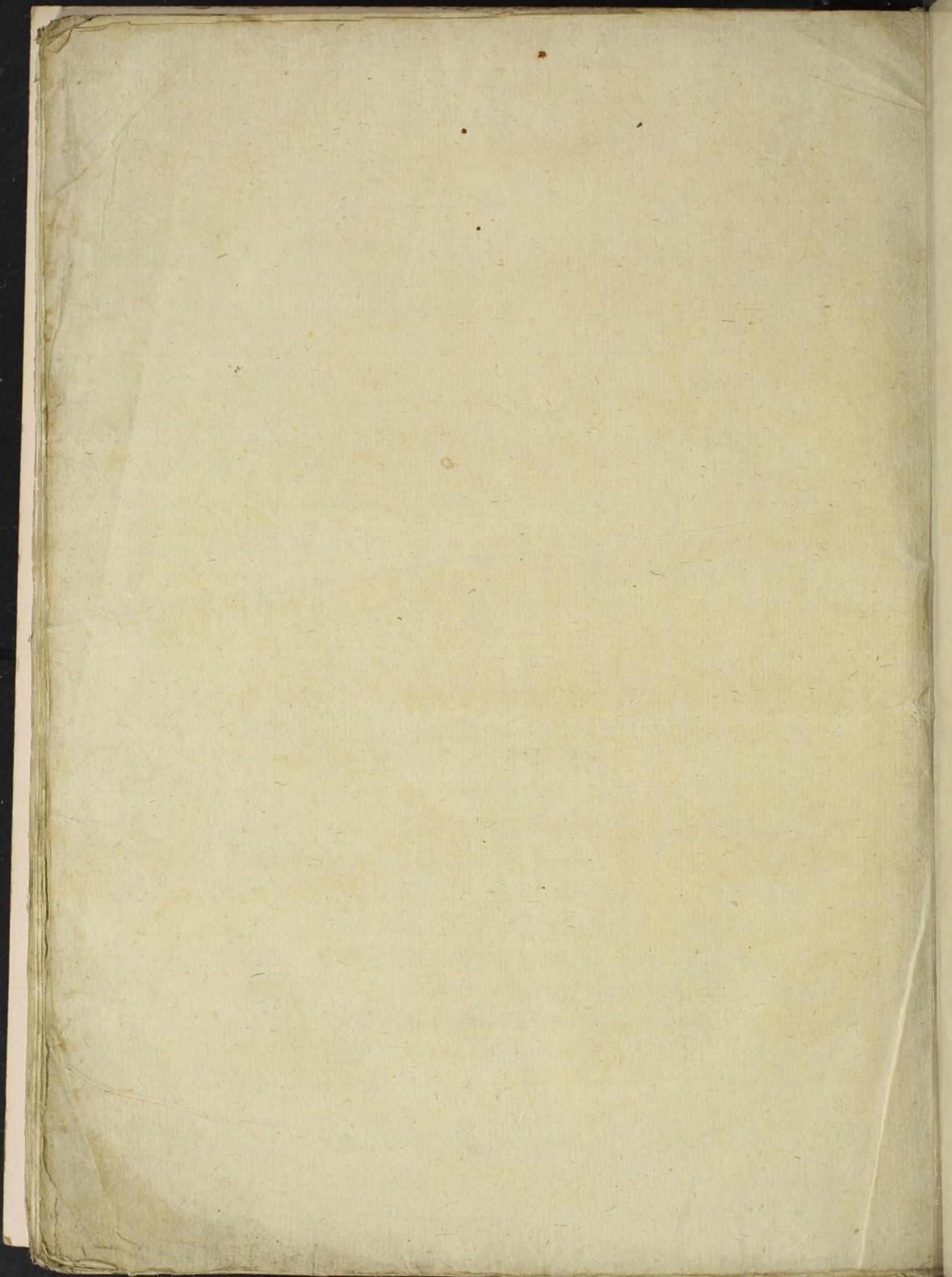
„ a Junta do Governo para proceder á entrega do
„ prezo *sem ordem sua.* „

Desta representação da Junta , e da resposta d'ElRei
certificação os dois Officiaes Maiores da primeira Secretaria
de Estado e do Despacho , D. Eusebio de Bardaxi e
Azara , e D. Luiz de Onis , por cujas mãos tem passado.

Hei crido de minha obrigação publicar estes fa-
ctos , para que toda a Nação fique instruida do que
deu lugar á entrega de D. Manoel de Godoi , attribui-
da falsamente a huma ordem de S. M. , que nunca
pensou faltar á solemne palavra dada a seu amado Po-
vo , de julga-lo segundo as Leis ; e para que com este
motivo se affiance cada vez mais o acendido amor que
justamente professa a nosso muito amado Rei Fernan-
do VII. , que Deos nos restitua quanto antes , para com-
plemento de nossa felicidade. = *Pedro Cevallos.*

D. Eusebio de Bardaxi e Azara , e D. Luiz de
Onis , Secretarios d'ElRei nosso Senhor , com exercicio
de Decretos , e Officiaes Maiores da mesma Secretaria
de Estado , e do Despacho , certificamos ser certa a re-
presentação da Junta de Governo , e a resposta que deu
ElRei a ella , e estarem concebidas nos termos que ex-
pressa em sua exposição o Excellentissimo Senhor D.
Pedro Cevallos , pelas termos visto , e haverem passa-
do ambas por nossas mãos ; e para que conste o assi-
gnamos em Madrid a 3 de Setembro de 1808. = *Eu-
sebio de Bardaxi e Azara.* = *Luiz de Onis.*





2000

010342

